

POR
IDICAMPOS

*Contos
em desconexão*

Selo Conexão Literatura

A U T O R

IDICAMPOS

Copyright © por Idicampos
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do
autor
Obra protegida por direitos autorais
Ano: 2025

ISBN: 978-65-01-85273-7

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

DEDICATÓRIA, POR IDICAMPOS, PÁG. 05
PREFÁCIO, POR KLEM MACHADO, PÁG. 06
ABAIXO A CARNE AVANÇO, PÁG. 07
A FEBRE DO OURO, PÁG. 12
ANJO ATRAPALHADO, PÁG. 16
AS DIFICULDADES DE ERNESTO, PÁG. 21
BAHIA DE TODOS OS SANTOS E DEMÔNIOS, PÁG. 26
CARNE DE CAVALO, PÁG. 31
CARREGANDO O FARDO, PÁG. 34
CURIMBA, PÁG. 38
GOLPE DE SORTE, PÁG. 43
O ANIVERSARIANTE, PÁG. 47
O CHEIRO DO PODER, PÁG. 52
OS DONOS DA TERRA, PÁG. 55
OS LUNÁTICOS, PÁG. 58
RENASCIMENTO, PÁG. 63
SALA DE LEITURA, PÁG. 67
UM BALANÇO DOS ACONTECIMENTOS, PÁG. 70
UM FORTE AMOR, PÁG. 73
VELHA INSPIRAÇÃO, PÁG. 77
YASMIN X YAGO, PÁG. 80
ZIGUE-ZAGUE, PÁG. 85
BIOGRAFIA DO AUTOR IDICAMPOS, PÁG. 89



POR
IDICAMPOS

Contos em desconexão

Selo Conexão Literatura

Dedicatória:

Dedico esta coletânea de contos à Revista Conexão Literatura, que publica meus contos há três anos. “Contos em desconexão”, assim como o livro anterior “Contos em conexão”, são frutos dessas publicações.

Idicampos

Prefácio:

Falar sobre a prosa de Idicampos é uma tarefa fácil. Embora haja um conflito de interesses devido à nossa grande amizade. A forma como, Idi, ou Colinha, como todos nós, seus amigos, carinhosamente o chamamos, escreve é única e envolvente. Tem ritmo. Ritmo de samba e gosto de drops de mentol com gengibre e hortelã.

Exatamente isso, caro e desavisado leitor. Digo ritmo de samba pois em sua obra encontramos parágrafos debochados, retórica direta, temas antenados e atuais, morenas glamorosas e galãs dignos de escola de samba.

O drops de mentol com gengibre e hortelã. Aquele sabor apimentado e refrescante se deve ao estilo jornalístico, cru e, muitas das vezes cruel, com trocadilhos infames.

Uma linguagem direta por meio de um falar indireto. Ferramentas que Colinha usa com maestria e virtuosismo nas suas belas e fortes construções, ou se preferir, metáforas poéticas. Indo um pouco além: uma prosa poética.

Colinha demonstra um profundo amor e conhecimento da Baixada. Neste delicioso livro, com sabor de drops e ritmo de samba enredo, encontramos um diário da vida suburbana vivida na nossa amada Baixada Fluminense. Colinha nos descreve um universo que só o morador ou um profundo conhecedor da Baixada — como ele é — pode revelar com tamanha autenticidade.

Convido o nobre leitor a ler estas páginas e se deliciar com os contos ritmados e saborosos de Colinha.

Klem Machado é poeta e contista



ABAIXO A CARNE AVANÇO

POR IDICAMPOS

Bum! Bum! Bum! Assim o surdo ensurdecia o asfalto, ganhando a avenida na marra, porque marcava as batidas do coração da multidão. Vinha descendo o morro, com as benções de Dionísio, na cadência do samba, ao sabor do vinho servido por Baco no banquete grego-latino, soltando as amarras do inconsciente coletivo...

A festa da carne, antes de virar estrela, deu as caras, na terrinha, na luxúria da corte, nos bailes à fantasia que escondiam o oco existencial da coroa portuguesa. No bojo da descompustura da nobreza estavam os escravizados, fazendo o rito do tambor nas senzalas, na capital da colônia.

A história passou de chicote nas rodas do tempo, serviu de pano de fundo pra memória da classe dominante. Ainda encarcerou, no início do século XX, os primeiros sambistas por vadiagem, trancafiando-os nos cárceres do subdesenvolvimento.

O samba resistiu, teimoso, tomou tino de gente grande, de estilo musical consagrado, deixou no retrovisor o ranço de coisa de malandro. Rebentou em pura arte, desembocou no maior espetáculo do mundo: a ópera urbana brasileira.

Na companhia do vigésimo primeiro século, o surdo executa a marcação: bum! Bum! Os quadris rebolam, produzem o ensaio geral, deslizam a ladeira sem discriminação: fez sucesso a bunda mucha, empoderou a montada no silicone, teve plateia as pelancas das bandas da vedete; circundaram todas as celulites — democraticamente — afinal, a banda do bloco garante o carnaval na periferia!

Os adeptos do sacolejo preparam o ritual da libido, finalizam os detalhes, apresentam o Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula. A manifestação popular sobrevive das doações dos filiados, iniciou as atividades depois da pandemia, nas mediações da Goiabinha, uma aglomeração habitacional situada no quintal da metrópole fluminense.

A massa, agora, conta história: precisa extravasar para não estourar! O incentivo brota do prazer de viver, estimula a cultura popular, nomeia de pertinho o local onde Judas perdeu as botas: em plena Baixada Fluminense, próximo ao Sambódromo carioca.

Os Calígulas, jocosos, expulsam da boca dos anfitriões o sorriso represado desde o ano passado. A caixa de guerra, exausta de anunciar os conflitos bélicos, rebela-se contra a guerra, anuncia um grito de paz! O repique, no pique do gingado, traça o ritmo da agremiação; os outros instrumentos, em coro, arranjam a melodia da música.

Já é domingo de carnaval. Deslizam na avenida do imaginário os preparativos finais pro desfile do bloco. A criatividade sacode a favela, ilumina o canto dos

oprimidos... Incorpora a voz da faxineira, enfatiza a coreografia do porteiro, transforma a cozinheira em porta-bandeira.

Os Filhos seguem a marcha da folia: cabe o gordinho, desdobram as rugas do estandarte, a feia desmancha as cadeiras, desce ao chão o careca, o bonitinho modela a aparência, desfruta o cabeludo, a magrinha sacode o esqueleto, a alegria debocha da tristeza. O samba-enredo comemora a mágica da vida!

No primeiro andar do morro, a euforia transborda. Destaca-se a Ala do Beijo, o setor VIP dos Filhos de Calígula. Os protagonistas empolgam a farra com afeto, jogam beijos pra plateia, freneticamente... Vale beijo de língua, selinho, beijinho aqui, lábios acola; só fica proibido xingar a mãe e enfiar o dedo no olho do outro.

O enredo da temporada perpassa: “FAÇA AMOR, ESQUEÇA A GUERRA”. Na contramão da maldade, em oposição ao ódio, corroborando o pertencimento à arte de amar; correndo pro abraço, na trajetória da fraternidade, em comunhão com a evolução da humanidade...

Os originais do samba compõem a ala das colombinas, dos palhaços, dos desabrigados, dos famintos, do juiz desvairado, do advogado de causas perdidas, do político quase honesto, do pescador de piranha, da assessora do otário, da mulher de cueca, do homem de calcinha; eis o momento de glória da gentilha brasileira...

Na segunda-feira, os sambistas cansados, após o derradeiro ensaio geral de ontem, respiram fundo, organizam o desfile do Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula. O desfile oficial ganha Avenida Presidente Fulano de Tal, no coração do Município; precisamente às 24 horas, nos limites da segunda com a terça-feira de carnaval.

Graciosamente, num beco da Goiabinha, enquanto cada um engoma sua fantasia para o desfile noturno. Mariana da Luz acende o show. Veste o figurino de madrinha da bateria e emociona os fãs. A bela musa agracia a plateia com formas esculturais, esculpidas na mistura de tons, num reflexo vivo da etnia brasileira.

A formosura de Mariana tem por segredo o fato de ser inspiração de poeta, namorada do compositor dos Filhos de Calígula: o garboso Clave de Som, sujeito do verso rimado, coração cheio de ternura — o pão doce do bloco — a encarnação da gentileza.

O Sol esconde-se na sombra da Lua, a cuíca suplica, o pandeiro aproveita a curva do som, o chocalho chacoalha uma gargalhada, o tambor estica o couro, o cavaquinho dedilha, o puxador do samba exercita a voz, o conjunto esquentando o batuque.

Mariana da Luz ofusca o visual. As alas estão enfileiradas — bate 23h e 55 minutos — a quebrada da Goiabinha ofusca o pedaço! De boa, o bloco coloca a cara na rua, com

mais de quinhentos componentes. Divididos em alas, distribuídos por categorias, dirigidos pelo bom humor, buscando a harmonia na avenida.

O Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula alastra as cores da bandeira: vermelho misturado com rosa. Contudo em cima, nunca se agrada a Deus sem incomodar o capeta... Os despudorados aborrecem os ricos, a turma da encrenca, os moralistas de plantão, os nobres da região, os proprietários do poder.

A Baixada Fluminense possui uma linha imaginária separando a ralé da burguesia, o direito do esquerdo, o par do ímpar, o positivo do negativo, o quente do frio, o amargo do doce, o ódio do amor; são as incongruências da sociedade contemporânea.

Qualquer tentativa de felicidade ameaça esta gente. Eles imputam ao prazer a atmosfera do pecado. Temem a esperança de quem tem fome, abominam a liberdade de ser ou não ser... Eis a pedra no sapato do opressor, que se alimenta do fígado do oprimido.

O apito do mestre da bateria avisa da chegada da alegria; a euforia invade a Avenida Presidente Fulano de Tal. O Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula aponta no horizonte, os foliões dão o recado, correspondem aos quesitos. Recebem dez na bateria, despontam em alegoria, cantam o samba-enredo na ponta da língua.

As palmas cruzam os acordes, acordam os preguiçosos, os súditos do Rei Momo reverenciam os quatro dias de folia! Os anarquistas esbanjam simpatia, sambam no pé, expõem as alegorias, dispõem os carros alegóricos — o evento está garantido — a população corresponde em peso, o bloco avança...

Dobra a esquina, o bicho pega, enguiça o babado, arremessam pó de mico no ventilador; bem um quarteirão à frente, um monte de gente atrofia o caminho. Estão vestidos de forma elegante: homens de terno, seguidos de mulheres com vestidos lambendo os calcanhares. Os nobres cidadãos fecham a passagem, interrompem a festa, esticam uma enorme faixa: ABAIXO A CARNE AVANÇO!

O poeta negocia com a oposição: promete tampar o umbigo da chacrete, cortar a barba da Gorete, tirar o sutiã do Bartolomeu, esconder o chifre da Geni, tampar a ironia do Coringa, cobrir a sensualidade da passista, proibir a alegria, desestimular o carinho e colocar a tristeza em destaque.

A controvérsia estica a corda, desaba a retórica na ribanceira, a conversa descaminha... De supetão, o otário vocifera, a mocreia lasca um tapa na lata da novinha, o objetivo do tema perde o sentido...

Apoiado no conflito, um idiota, provoca o terror: resvala uma garrafa de vidro no ar, aí o inferno comanda a desgraça... A garrafa de cerveja precipita várias cambalhotas ao vento, indo encontrar sofrimento no rosto de Mariana da Luz. A maravilhosa é apagada por um corte no meio do rosto.

O azar despôs a sorte, pois, no minuto do crime, o policial mantinha o posto, cumprindo o escrito na lei; barrou o meliante antes da fuga, reparando em parte o delito, recolhendo à cadeia o criminoso.

Desfigurada, a figura carimbada da Favela da Goiabinha desfalece no colo do amado, revelando um rasgo na face; dividindo a cena num vasto drama, expulsando pra fora da cara os contornos desenhados da criatura duramente golpeada.

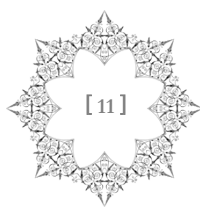
Acolhida na saúde pública, sangrava igual cachoeira, mesmo assim aguardava a pretensa sina na triagem, esperava vaga no hospital. A madrugada invadiu a história, Mariana cochilou, os amigos acompanharam a madorna, perderam-se em sono profundo...

Lá pras tantas, um médico de jaleco branco, com o nome “Cupido” bordado no bolso, catucou Mariana, transferindo a paciente para mesa de operação. Feito isso, recuperou os traços de Mariana da luz; lavou as mãos, embrenhou no ambiente, escondeu o fato no mistério, desapareceu sem deixar rastro...

O Sol despreguiçou, na terça-feira, queimando a pele dos amigos na sala de espera da unidade de saúde, forçando o despertar da ressaca. Clave de Som abriu os olhos, fitou Mariana inteirinha, mais linda do que nunca, pulou do assento e gritou: — Acorda, Mariana da Luz, para testemunhar o amor revelado pela via do coração!

A comitiva, perante o desabafo do poeta, saltou das cadeiras de plástico, aplaudiu as formas intactas da madrinha da bateria. Mariana da luz, cheia de gratidão, mirou dentro de si buscando o sentido daquilo no seu interior.

Comprometida com a luz, recarregou a bateria, alinhou a linha da vida, riscou a sandália na calçada — dispensou qualquer intervalo — sambou até quarta feira de cinzas e enterrou os ossos do carnaval na cova da hipocrisia.





A FEBRE DO OURO

POR IDICAMPOS

Gol! Gol! Goooooooool! Assim, a Copa de 1970 — o tricampeonato de futebol — trazia alegria à adolescência da garotada na entrada de Areia Branca. Os meninos sonhavam em ser jogadores de futebol; as meninas lutavam por direitos iguais no mercado de trabalho.

As mulheres referendavam o feminismo, estavam atentas ao machismo estrutural. A luta contra a opressão da ditadura militar unia os gêneros na busca por uma sociedade democrática, onde o cidadão pudesse eleger o presidente da república.

Naquele cantinho do mundo, aprenderam a sorrir e a chorar. Deram asas à imaginação... Buscaram sobreviver dignamente por vários caminhos. Cicero atirado, hiperativo, embarcou na onda de ser garimpeiro urbano.

O garimpo urbano aparecia como uma solução informal de trabalho. A atividade resumia-se a bater de porta em porta, trocando bichos de pelúcia por ouro. Valia aliança quebrada, brinco torcido, cordão rebentado, etc. Aceitava-se qualquer pedacinho do metal precioso.

Cicero acumulou dinheiro, mobilizou o amigo Arinei, compraram passagens de avião, viajaram para Rondônia, no meio da Floresta Amazônica. Uma terra sem lei, um local cuja as armas ditavam os rumos da sociedade.

Na sequência, alugaram uma casa na capital de Rondônia, onde sondaram os descaminhos do ouro... Bastante simpáticos, levaram na conversa o pessoal do comércio do metal e acabaram constituindo sociedade na área da mais-valia dourada...

A estabilização no circuito do ouro surgiu a partir do acordo firmado com Astrogildo Pepita, renomado empresário do setor, que introduziu os amigos do Rio no nicho da joia financeira. Os três montaram um ponto de ouro em frente à rodoviária de Porto Velho.

Os malandros de Areia Branca ganharam a confiança de todo mundo, pois agiam direitinho, cumpriam o trato no negócio. O investimento corria às mil maravilhas: abarrotaram o bolso de dinheiro, viviam de luxúria...

O sócio, Astrogildo Pepita, cria da região, no início mantinha cautela diante dos parceiros. No entanto, os anos correram, passou a confiar; o que lhe custou a vida...

O danado do olho grande entrou em cena. Os cariocas começaram a trapacear e resolveram eliminar Astrogildo: sentaram o dedo no sujeito. Os assassinos concretizaram o crime enterrando o corpo às margens do rio Amazonas.

Retornaram à cidade como se nada tivesse acontecido. Os conhecidos de Astrogildo perguntaram pelo paradeiro do ourives. Os meliantes, maliciosamente, alegaram que ele havia viajado para tratar de uma doença grave na família.

O sabido dos chegados dizia ser a vítima pipa voada, solto no mundo, desatado dos nós... Ninguém mensurava notícia de vínculo familiar, mas engoliram o papo dos sacripantas.

Os malfeitores lotaram a conta bancária. O ponto de ouro cresceu de vento em popa: havia propaganda na televisão, prospecto na calçada, visita no lar e pirulito nas costas da garotada: “COMPRO OURO!”

Os espertos roubavam os garimpeiros na balança, ofereciam prostituição, crédito, hospedagem em Porto velho, várias regalias a preço de ouro. Os trabalhadores eram explorados na lata, contudo se submetiam ao tratamento desproporcional.

Acumularam muita grana, viraram isca fácil da ganância, partiram para a extração do ouro. Ali firmaram a carreira de bandido, reagindo à bala perante qualquer tentativa de impedir a prática do garimpo ilegal nas reservas indígenas.

Envolvidos no câmbio negro do ouro, sofrendo a resistência dos indígenas, elaboraram um plano. A estratégia consistia em poluir o rio com mercúrio, assim matariam os peixes, destruiriam a agricultura de subsistência, exterminariam os nativos de fome.

A artimanha daria certo, possuíam costas quentes, corrompiam os políticos, faziam loop em Brasília, estavam por cima da carne-seca. Recebiam as vantagens da presunção de boa-fé quanto à origem do ouro comercializado: uma prerrogativa escusa, conferida à política da década de setenta.

Confiando na impunidade, passaram a boiada: destruíram o meio ambiente, arrancaram as árvores, contrabandearam madeira de lei. Devastaram a Floresta Amazônica!

O povo da floresta entrou pelo cano. As tribos locais quase foram dizimadas, os silvícolas foram a óbito aos montes: uns por inanição, outros por tiro. As aldeias viraram depósitos de esqueletos vivos...

O cacique da etnia, ciente da urgência da resistência, juntou a tribo, respondeu à invasão com o grande conhecimento, a maestria da magia xamânica. Iniciou o ritual: deitou-se de braços abertos sobre o solo, tipo abraçasse a terra, suplicou o sopro do ar, reverenciou os seres da água e conclamou o fogo a trazer a luz!

O céu da manhã escureceu, logo tomado por um clarão que ofuscou a visão das testemunhas. Os originários da floresta ajoelharam-se em súplica aos poderes da mãe

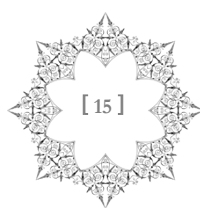
natureza. Os animais apareceram, vindos dos meandros da mata; os vegetais transmitiram um brilho na celulose. A floresta, em peso, rendeu homenagem ao Deus Tupã!

Os botos cor-de-rosa brindaram o momento com a simpatia peculiar; os crocodilos, de papo pro ar, calaram-se em respeito à liderança indígena. Os pirarucus saltaram em sinal de força, a onça rugiu, os macacos conversaram entre si. As manifestações só cessaram com o grito de Tupã: — Ra! Ra! Raaaaa...

Os malfeitores, estupefatos com os fatos, feito baratas tontas, perderam o prumo, piraram na batatinha. Fugiram pelo rio, sendo surpreendidos por um tsunami jamais visto naquelas bandas. As ondas encobriram o horizonte, varreram balsas, barçaças, toda a logística do crime ambiental.

O cacique levantou — passado o dilúvio — ergueu os braços com devoção, encostou as palmas das mãos em sinal de prece. Solicitou a presença dos descendentes da aldeia, passou o bastão, mergulhou no rio e deixou a lição de poder aos jovens da etnia.

Tupã recolheu a energia, vestiu uma bermuda confortável e tirou umas férias no Triângulo das Bermudas, na América Latina...





ANJO ATRAPALHADO

POR IDICAMPOS

Saiu de casa, cedinho, hora em que os amantes acordam para expulsar do coração juras de amor. Bebeu água limpa — agradeceu ao cosmos por estar vivo — bateu as asas, voou bem alto, esbarrou na atmosfera do planeta, mergulhou num rasante de alegria, pousou em si.

Aquela postura de anjo bonachão nem sempre lograva êxito. Em fim, ser bom dava prejuízo. Passara a infância ouvindo da mãe: “Abra os olhos, seja bom, mas confie desconfiando...”

Estudou na academia angelical, em Vênus. Frequentou inúmeras oficinas de elucidação do psicológico dos terráqueos. Especializou-se em tratar as barbaridades do ser: o egoísmo, a ganância, as trapaças, o ódio, o orgulho, a traição, etc. Aprendia os defeitos dos indivíduos para poder guardá-los, jamais consertá-los; obedecia à lei do livre-arbítrio, nunca intervia no destino das pessoas.

Vivia entrando em furadas, sendo trapaceado, enganado, porém, acreditava na evolução da raça humana. Havia sido bem formado, estava hábito a cumprir as tarefas de anjo da guarda.

Investiu, na Baixada Fluminense, na relação de um casal cuja sinceridade vinha em último plano. Assistia a uma paixão baseada em mentiras: ela enganava-o descaradamente, ele esquecia de dizer a verdade. No fundo, nasceram um pro outro. Alfaciano, o anjo bom de onda, degradingolava na resenha, entristecia diante da decadência do romantismo, perdia a partida de goleada: como anjo só tomava bolada.

Doutra feita, acompanhava um banqueiro por caridade, a quem o destino pregara uma peça: contraíra a síndrome de Midas. Ao ingerir qualquer alimento, virava ouro (a riqueza afastava o pobre do prazer de comer). Sobrevivia de medicação intravenosa. O moribundo carregava o ônus de ter financiado a indústria armamentista, sendo responsável por milhões de óbitos. Na hora da morte, encurralado, suplicava piedade.

O bom coração de Alfaciano travava na difícil tarefa de entender o íntimo do irmão que mata o próprio irmão. O ódio envenenando a seiva da árvore genealógica. Irritava o

cavaleiro de Deus ver a fraternidade ser aniquilada pela astúcia do egoísmo; a compaixão com o próximo resumida à falta de empatia.

Os habitantes do mundo cultivavam um monstro no inconsciente: propalado pela fúria do capital. Traziam na redação desta história um olho maior que a barriga. Os interesses escusos governavam o coletivo, refletindo a pobreza emocional da época contemporânea.

Alfaciano cumpria expediente em unidades de saúde durante o dia; à noite, entrava no serão assistindo aos boêmios. Paparicava os bêbados, os quais, depois do primeiro gole, enfiavam a cara nas latrinas, pulavam de cabeça na gula, deslizavam no sabonete...

O jovem anjo nem cochilava. Enrolado na multiplicidade de atitudes fúteis dos pacientes — invariavelmente — rompia o plantão sem descanso. Emendava um expediente no outro, socorrendo algum alcoólatra, já rendendo o anjo do turno anterior.

A traição (a cargo do julgamento do anjo) entre tantas estrepolias mentais, era bastante estranha. Quem traía acabava, no fim da estrada, tropeçando na continuidade do rastro. Haja vista as maracutaias dos políticos, sempre ludibriando o eleitor: terminavam com a cara parecendo um maracujá, perdiam o sossego para a ganância desenfreada do ego...

O trabalho extrapolou a paciência do anjo, quando foi escalado pra confortar as vítimas da guerra. Caiu de paraquedas num conflito armado por diferenças religiosas. Os partidários do confronto matavam-se, copiosamente, desdobrando a psicopatia dos senhores das bombas.

A dúvida pairava na postura dos oficiais, condecorados com medalhas em ambos os exércitos. Mantinham a retaguarda atrás da artilharia e nunca recrutavam os parentes para as fileiras do combate.

Levantou a origem do bate-boca, descobriu que os soldados, armados até os dentes, brigavam por Deus do céu. A confusão rolava por causa do nome do criador. Do lado de cá, chamavam do jeito aprendido no culto local; da fronteira pra lá, nomeavam numa língua hostil à do vizinho.

Estavam exterminando a juventude pra ganhar o direito de registrar, na cultura vencedora, o nome do arquiteto do universo. Previam, inclusive, certidão juramentada em cartório.

Alfaciano encheu o saco daquela briga inútil, largou o posto de anjo da guarda, pegou uma nave emprestada com o amigo alienígena. Trocou o óleo da geringonça, calibrou os pneus, encheu o tanque do disco voador, verificou os freios, testou os amortecedores, concluiu a revisão. Ligou o bicho e sumiu na velocidade da luz...

Invadiu o buraco negro, transpôs o passado, o presente, o futuro, numa equação de física quântica jamais deslumbrada. Apoiado na teoria da relatividade, consciente da transposição atômica, vencia a distância, despirocava a noção do tempo... Em minutos chegou à Vila da Criação, também conhecida como Monte Olímpio. Aterrizou, comeu um lanche, pegou a senha, conseguiu marcar consulta com Deus.

A espera para a audiência deu dor nas coluna. O todo poderoso, ocupado com súplicas bizarras, endurecia o discurso com os pecadores, despachava a maioria pro inferno só com passagem de ida. Transcorreu uma eternidade para ser atendido, então, o secretário do pai anunciou a presença de Alfaciano: — Anjo Alfaciano, Papai do Céu lhe aguarda!

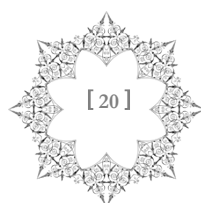
Diante do jardineiro que plantou a rosa dos ventos, da onisciência da divindade, perfilou o mistério da face de Deus. Visualizou a onipotência do mestre dos mestres e explicou a situação ao sublime interlocutor.

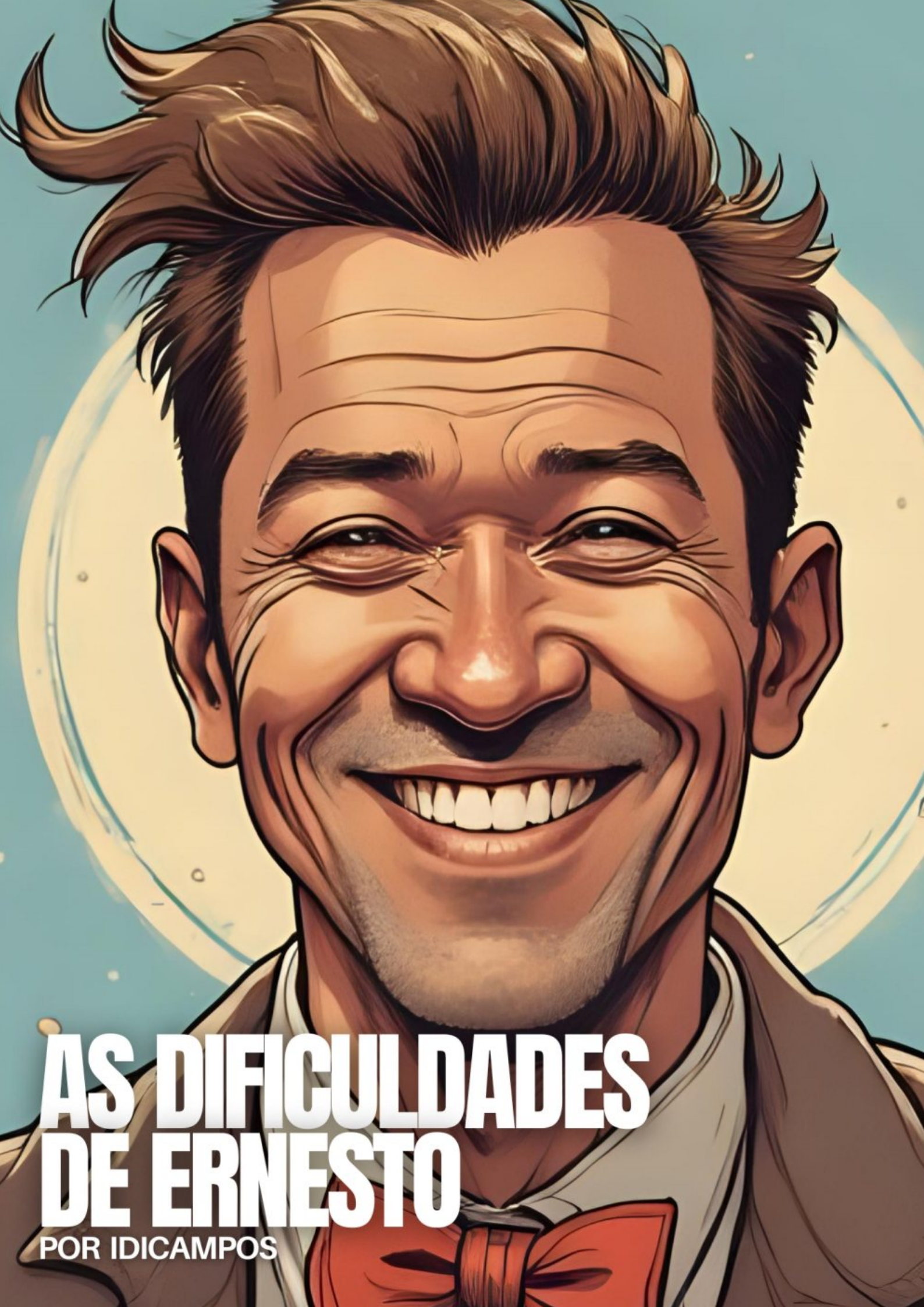
O amado, guardião do segredo da criação, na benevolente recepção, escutou o ilustre funcionário do Reino dos Céus. Ponderou, meditou, pediu vistas ao processo, comprometendo-se a informar o veredito mais tarde.

Alfaciano, na sequência dos dias, recebeu uma mensagem no celular, avisando das férias coletivas proclamadas por Deus. Os anjos estavam liberados, poderiam viajar, passear com a família. Aguardariam as novas ordens para retornar ao serviço.

Alfaciano, curioso, perguntou aos colegas o porquê do despacho divino. Tal foi a surpresa de saber o motivo:

— Deus, aborrecido com a bestialidade humana, havia jogado o Sol em rota de colisão com a Terra. Acabou com a humanidade e enveredou na criação de uma vida menos ignorante numa galáxia distante da Via Lacta.





AS DIFICULDADES DE ERNESTO

POR IDICAMPOS

Ernesto, um tipo que saiu de moda, era honesto pra chuchu. A citação resumia o fruto da sua origem exemplar. Nem o pai, muito menos a mãe, jamais roubou nada de ninguém. Os pais sobreviviam de estudo, abandonaram a ignorância em prol de colocações plausíveis no mercado de trabalho. Davam como exemplo ao filho a luta pelo conhecimento científico.

Criado nesta ilha de caráter, na escola respeitava os professores; na igreja, procurava ser cristão; explicava os deveres aos colegas em sala de aula; oferecia às meninas o carinho aprendido com o papai. Fazia o politicamente correto.

Eita garoto bom! O danado num falava uma mentira, evitava furar fila, beijava mediante consentimento, cedia o lugar aos idosos, tinha empatia com a dor do semelhante, andava de bicicleta na mão certa, etc.

Na hora de escolher a trilha da vida, de procurar a vocação, optou pela medicina. Mirou os olhos na compaixão, numa carreira de pertencimento afetivo, uma jornada capaz de deixar um rastro de fraternidade.

Concluiu os estudos de medicina, porém, pra chegar lá, suou a camisa, queimou a pestana. Acumulou conhecimento, passou no vestibular em terceiro lugar. Saiu da universidade, após seis anos, rumo à residência num hospital público.

Inserido no SUS (Sistema Único de Saúde), cursando a especialização em medicina sanitária, aprendeu a acolher os doentes com carinho. A tratar o sofrimento alheio feito um irmão. Recebia os enfermos — na clínica geral — como parte do currículo da residência.

No consultório, atendia desde bicho-de-pé até distúrbios mentais... Os pacientes amontoavam na espera, chegavam a agendar com intervalos trimestrais. A procura pelo Doutor Ernesto ocupava, majoritariamente, as telefonistas da marcação de consulta.

Depois da primeira vez, a pessoa virava freguês. Ernesto praticava a anamnese completa: vasculhava o indivíduo de cabo a rabo... Por pouco não virava o enfermo do lado avesso. O sujeito saía de lá satisfeito.

O elogio ao profissional, no corredor de espera, resvalava nos comentários dos beneficiados: “Neste médico eu confio”.

O Doutor Ernesto avançava o expediente, fazia vaquinha pra comprar remédios para os enfermos, frequentava a casa dos mutilados, surpreendia com tanta generosidade. Possuía um coração do tamanho de um ônibus lotado.

Ocupado com a saúde social, concluiu a Medicina Sanitária. Queria contribuir com o comportamento saudável da sociedade contemporânea; estava predestinado a seguir o juramento de Hipócrates.

O fim do curso de Medicina Sanitária trouxe uma mistura de choro com bolo. Os pacientes do Dr. Ernesto, da Clínica geral, organizaram uma festa. A comemoração contou com bolo, chope e dança; na quadra da Escola de Samba Leão de Iguaçu, pertinho do Hospital da Posse.

O herói cruzou a saída da unidade de saúde, por cima da carne-seca. Começava a carreira de Médico Sanitarista. Apto a tratar a medicina a partir da ciência social — as partes construindo o todo — compreendia a natureza social do ser humano.

Com a corda toda, inspirado no médico grego Hipócrates, patrono dos médicos, absorveu os avanços da medicina, corroborou o espírito da coisa. Prestou concurso, ingressou na Fundação Oswaldo Cruz.

Admirava o doutor Oswaldo Gonçalves Cruz, símbolo da fundação. Conhecia a trajetória do sanitarista e a sua história na resistência durante a gripe espanhola. Uma pandemia avassaladora, presenciada pelos habitantes do século anterior.

Entendia bem de doença social. Recentemente, participara da mobilização contra a negação da pandemia de Covid 19. Contestava os negacionistas e denunciava, no auge da moléstia, o uso de remédios sem comprovação científica no trato da peste.

Na perspectiva da assistência social, questionava o compromisso de médicos oriundos de formações duvidosas. Defendia a ampliação das vagas no ensino público da área médica, mas também maior fiscalização das verbas destinadas ao setor.

Enfatizava a proliferação da clínica médica nas periferias, aspirava a uma política de saúde voltada aos mais necessitados. Objetivava atenuar o sofrimento humano. Envoltos nessa ideologia, inflou a veia política.

Munido desta retórica ideológica, procurou uma tendência razoável; no entanto, filiou-se a um partido igual aos outros. Engoliu a seco o oportunismo dos membros do diretório. Aproveitou a conjuntura, arrumou uma legenda pra prefeito, conquistou um número, iniciou a campanha.

Investiu nos pobres de espírito, assalariados, famintos, desempregados, mães solteiras, drogados, sem-teto, analfabetos políticos, velhos e desamparados. Abraçava a causa dos excluídos.

Certo da vitória nas urnas, sorria de orelha a orelha. O povo estaria com ele; afinal daria consolo aos carentes, incentivaria agências públicas de emprego, aumentaria o valor do salário-mínimo, abriria restaurantes populares (vide Josué de Castro).

O coração puro de Ernesto olhava o mundo pela janela da alma. Achava, no íntimo de si — baseado nas boas leituras — que todo ser nasce bom; é a sociedade que o corrompe. Acreditava no eleitor, na consciência inata da cidadania.

Continuou a peregrinação. A vitória acenava no horizonte: venceria com certeza. No desenrolar da militância, estimulou a retirada de documentos de identidade, certidão de nascimento, CPF, título de eleitor e carteira de trabalho. Orientava os eleitores na confecção dos registros formais.

As genitoras sós seriam contempladas com creches, favorecendo o inserimento delas no mercado de trabalho. Ofereceria tratamento aos dependentes químicos, reconduzindo-os aos lares. Desenvolveria, no município, um projeto habitacional para sanar a demanda pela casa própria. As escolas formariam integralmente crianças e adolescentes, além de mobilizar os idosos em torno do conhecimento.

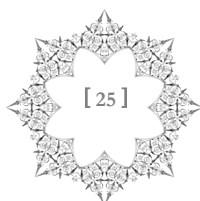
A caminhada eleitoral do Doutor Ernesto ventilava ares de paraíso, mas para isso dependia do resultado nas urnas, do voto, do compromisso de classe: quando o oprimido não elege o opressor. A decisão caberia ao povo, que escolheria o destino da sociedade.

Os adolescentes, alienados, apoiados no voto facultativo, faltaram ao ato democrático. Os anciãos, cansados de promessas, ficaram em casa. Os demais receberam pão com mortadela, camisa estampada do candidato bonitão, dinheiro pra cerveja, cartinha de emprego, abatimento no motel, cesta básica, aperto de mão e muita lorota pra votar na situação.

Deu na cabeça o figurão que dá nó em pingo d'água. O representante dos bacanas, a chave do sistema, o dono da boca de urna. O candidato da situação, cheio de acordos, versado no jeitinho brasileiro.

Ernesto chorou um oceano de lágrimas... Lamentou a índole dos envolvidos, encheu o peito de mágoas, emagreceu de desgosto, quase faleceu. Agoniado, perdeu a esperança na cidade, arrumou a mala, comprou uma passagem de avião para Manaus.

Na Amazônia, adaptado à floresta, em paz consigo mesmo, casou-se com uma nativa linda, de uma natureza radiante. Terminou fixando moradia na tribo dos índios Barés. Tirou diploma de pajé, consolidou a prática da cura na comunidade, e realizou o ideal de sociedade alternativa.





BAHIA DE TODOS OS SANTOS E DEMÔNIOS

POR IDICAMPOS



A cidade de Mello Rego, no sul da Bahia, é a fotografia da trajetória do coronel Antônio de Mello Rego. Coronel de título comprado, ousado, destemido — tido como justiceiro— grileiro e loroteiro.

Carioca na certidão, descendente de um português com uma preta linda — solteirão — defensor da moral, almofadinha, cabelo cortadinho, cabra certinho. No entanto, descumpridor dos seus deveres de cidadão. Construiu fortuna baseado no medo dos outros, eliminando os desafetos por conveniência dos seus interesses escusos. Com apoio, diga de passagem, do então regime militar.

No fim dos anos sessenta, no século XX, fugia da Baixada Fluminense por causa de dívida de jogo, acusado de trapacear num carteadado em Belford Roxo. Corrido do Estado do Rio de Janeiro, chegou à Bahia falido, arrumou emprego numa roça de cacau, fixando residência no território baiano.

Trabalhou para um velho, um idoso sozinho no mundo, que apareceu envenenado, num desfecho tenebroso... Após o falecimento do proprietário, tomou conta do sítio, avançou a cerca, tornou-se um fazendeiro próspero. Adiante, comprou o título de coronel Antônio de Mello Rego!

Arquitetou, com os capangas da fazenda, a disseminação de uma praga nas redondezas, nas plantações de cacau dos vizinhos: a “vassoura de bruxa”, doença dos cacaueiros. A infestação comprometeu a lavoura de cacau na área, faliu muito agricultor. Conseguiu desta forma espúria muita terra, uma fortuna incalculável.

Montado no cacau, literalmente, tendo a vassoura de bruxa como aliada, mandava na região. Fundou o Município de Antônio de Mello Rego, atualmente capital do chocolate. Os moradores de Mello Rego são os mais habilidosos na manufatura do chocolate baiano. O município goza do prazer de contar com o melhor produto do mundo: o chocolate Mello Rego, elaborado pela chocolataria do mesmo nome.

O coronel Antônio mantinha os negócios com pulso firme. Diversificou os empreendimentos, criou o Língua Ferina! O Bar Língua Ferina possuía três andares: no primeiro negociava cacau; no segundo, funcionavam o restaurante, a jogatina, mais a bebedeira; no terceiro, o fino trato das belas mulheres baianas, de cor de canela, com prazer para dar e vender.

As fêmeas desfrutáveis nasciam nas famílias dos trabalhadores rurais, no cultivo do cacau. Os coronéis comiam a carne na zona e roíam o osso na roça...

As prostitutas inteligentes — astutas — manipulavam a libido dos fanfarrões, satisfaziam as fantasias dos machistas, contudo exigiam tratamento de madame: casa montada, vestido novo, joias caras, um amontoado de luxúrias. Os ventos mudavam na velhice das amantes, quando eram trocadas pelas travessuras das novinhas...

Dos três andares do Bar, o puteiro rendia mais dinheiro. A cultura do cacau impulsionava o comércio. Os fregueses enchiam a cara no bar, cabulavam no jogo e perdiam o que restava na técnica das profissionais do sexo.

A economia ia de vento em polpa, o negócio proporcionava dinheiro a rodo... O coronel assistia à nata da sociedade com destreza, enquanto os pobres eram mantidos no cabresto: trocava cestas básicas por votos.

As dissidências tinham existência curta, a autoridade era exercida com o pulso forte. O coronel detestava ser contrariado. Havendo qualquer reclamação, o assunto era resolvido à bala.

O capricho de Antônio estava nas taras pelos infantes, na sua personalidade pedófila, adorava pegar uma menininha. Com a continuidade da mania passou a molestar os garotinhos também.

Comprava a inocência com dinheiro vivo, mancomunado com os responsáveis dos menores... A barbárie envergonhava a cidade de Antônio de Mello Rego, comprometia a formação moral da ruralidade baiana.

O coronel, muito esperto, candidatou-se a vereador. Venceu de lambuja os adversários. Os votos advinham dos funcionários do bar, mas também dos empregados das fazendas. Garantia a lida dos descamisados: oferecia emprego, posto de saúde, escola primária, etc.

As leis trabalhistas passavam distantes das relações entre capital e trabalho nas lavouras do cacau. A jornada da colheita extrapolava os limites da civilidade e nada de pagar o décimo terceiro aos camponeses.

No pleito seguinte, Antônio emplacou como prefeito. O desavergonhado roubou, descaradamente, do opositor na votação. Prevaricava para manter-se na prefeitura, se

aparecesse um forte candidato em oposição, não hesitava em exterminar.

Possuía o respaldo da ditadura militar, gozava do privilégio de ser o queridinho dos generais, os quais frequentavam, assiduamente, o Bar Língua Ferina. Recebiam desconto, em agradecimento aos favores dispensados ao coronel Antônio em Brasília.

As taras de Antônio ganharam fama, pulava a cerca da conveniência, enfiava o pé na porta dos valores tradicionais. Ainda dissimulado, ocultava do eleitorado os desvios de conduta. Nas campanhas eleitorais, empunhava a bandeira conservadora: defendia a pátria, a família e a propriedade.

No desdobramento da biografia do cafajeste, aconteceu um fato inusitado: ele cismou com uma indígena de dezessete anos. Uma ninfa, completamente virgem, alheia às maldades do mundo, chamava-se Esperança.

A pequena Esperança morava na tribo Tupinambá, filha de um pajé respeitado, guardião dos segredos da natureza... A donzela perambulava pela estrada principal descontraída, então, sofreu o assédio de Antônio. Conversa vai... Assunto entra... Chegaram aos finalmente.

Munido das considerações de galanteador, iludiu a Esperança. Mentiu a identidade, simulou boa intenção. Enveredou na estratégia adequada — cheio de malícia — enganou a moça com falsas juras de amor... A partir daí, bota a mão aqui, segura ali; terminou por invadir o corpo da jovem, violou a pureza da silvícola.

A Esperança dançou... Evaporou na busca pelos mistérios da carne, conheceu a sensualidade do corpo, umedeceu de prazer. Na sequência dos meses, inflou a barrica, ficou grávida. Comunicou ao amante, no entanto, o canalha sumiu na poeira, deixou o afeto ao léu...

O pajé ciente da situação da filha, buscou a verdade, descobriu a identidade do sujeito. Acessou o coronel Antônio de Mello Rego. Procurou reparação imediata, porém perdeu a viagem: o pilantra nem recebeu o sogro.

O inquérito parou na delegacia, nas mãos do delegado, um meganha sem formação para o cargo, nomeado pelo prefeito Antônio Mello Rego. O processo, como de esperado, mofou na gaveta, no arquivo pessoal do agente da lei.

O pajé, homem de fé, ajoelhou na terra, rogou ao Deus Tupã clemência, suplicou a interferência da divindade no episódio. Alegou na prece: o amor ao próximo e o respeito com a vida alojada no útero da Esperança. Um trovão roncou no céu, representava um sinal: Deus ouvira a súplica do sacerdote.

Daí pra frente, Antônio, de repente, começou a definhar, ficou triste, acamado, sem apetite. Broxou e isolou-se do mundo... Morria aos poucos...

Uma noite, ao cochilar, teve um sonho... Na visão sagrada da intercessão mágica: o Deus Tupã oferecia uma trégua ao coronel moribundo. Acabaria com aquele sofrimento, caso o degenerado assumisse a paternidade alojada no ventre da menina Esperança.

Acordou disposto na entrada do dia, às 9h, ratificava a experiência mística na mente. Transmutava a alma, surgiu das cinzas do loto para viabilizar a reconstrução do psicológico.

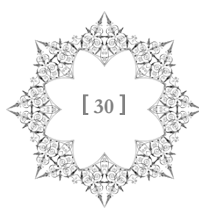
Conciso da resiliência, pôs a mão na massa: legalizou a prostituição, pagou as dívidas com o carma e assinou as carteiras de trabalho das senhoras do terceiro andar do Língua Ferina.

O coração do coronel Antônio de Mello Rego batia no ritmo dos tambores do Axé, a imagem da Índia Esperança expandia no seu imaginário... Reatou com ela, assumiu a cria, pediu desculpas ao Pajé, casaram na catedral do município.

O rebento veio ao mundo três meses depois, abençoado por Tupã, amado pelos pais, consagrado à evolução da espécie. Transcorreu uma semana, Aquário recebia o batismo nas mãos do vovô, no xamanismo.

Os amantes viveram felizes até os últimos carinhos, morreram abraçados, enterrados no meio da mata. No local do sepultamento, brotou um pé de cacau, com uma fruta saborosa feito mel, refrescante tal a sutileza do amor...

Aquário, o herdeiro, colheu o cacau, elaborou o sabor delicioso do chocolate. Fundou a Chocolataria Mello Rego, sucesso até hoje. O filho da natureza dos pais despediu-se da história, deixando o legado do doce mais gostoso da Bahia: o maravilhoso chocolate, fruto da mistura das raças.





CARNE DE CAVALO

POR IDICAMPOS

O estômago mordia o sujeito na hora do almoço, em meio à rua, a via principal de Mesquita; aquela com uns vasos enormes de cimento no meio da pista, fruto de acertos nunca mensurados, dificultando a mobilidade urbana e revelando o uso desastrado do dinheiro público.

O catador de latinhas, cheio de fome, não pensou duas vezes diante da tabuleta hospedada na calçada, informando: prato feito de carne seca com a abóbora, só R\$ 10,00. Ingressou de pronto na pensão, apertadinha, composta por três mesinhas com quatro cadeiras cada.

Solicitou o prato do dia. Veio bem servido, transbordando, do tamanho da fome do cara... Ele lambeu os beiços, saciou a barrica com a iguaria. Bebeu um copo d'água de acompanhamento — líquido genuíno da bica, na temperatura ambiente — no propósito de facilitar a digestão.

Pago o compromisso, junto à velha desdentada, proprietária da pensão. Levantou, dobrou a esquina, soltou um arroteo alto, que trazia um gosto amargo de capim na boca.

O trabalho continuava: cata latinha daqui, separa papelão dali... O tempo passava rápido, só não cessava a sequência interrupta de arrotos do homem, enfasiado, com a pança estufada feito couro de bumbo.

Sentou-se na soleira, na tentativa de amenizar o mal-estar. Logo, o arroteo era substituído por umas fisdadas no fígado. A dor aumentou, dominou as vísceras de Elói do Papelão.

Enquanto isso, recebia o socorro dos colegas, foi parar no posto de saúde, na rua Paraná, no centro da cidade. O posto, pintado de verde desbotado, recebia o trabalhador, de braços abertos, prestando o serviço público, oferecendo ao cidadão o gozo dos seus direitos.

O doutor — felizmente, gastroenterologista, especializado em digestão — acolheu o paciente rapidinho: umas três horas, mais ou menos, de espera. Atendido com destreza, o profissional ministrou vários exames. Prescreveu até endoscopia, enfiando uma borracha goela abaixo do paciente. Filmou o aparelho digestivo, virou de um lado, analisou do outro e nada.

O martírio protagonizava o caso, longe de solução, porque a ciência lavava as mãos. Sobrava apenas a esperança: o último recurso dos abandonados pelo destino. Tratava-se do sobrenatural, coisa do espírito, doença da alma.

Sacudiu a cabeleira e visitou, na mesma rua, a Igreja Nossa Senhora de Fátima, implorando ao padre uma reza forte. O religioso satisfez a vontade do catador: rezou um montão de Ave-Marias, seguido de incontáveis Pais Nossos...

Desiludido, caminhou à Avenida José Montes Paixão, adentrando na Igreja Mundial, onde foi recebido generosamente na oração dos aflitos. Ajoelhou-se, redimiou os pecados, deixou o nome na corrente de fé...

Enveredou por outros credos, no entanto, o malefício crescia... O coitado sentia, naquele momento, umas aflições tipo coices, na boca do esôfago, lembrando chute de bico dentro do corpo.

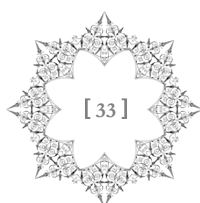
Aconselhado, segundo o dito popular, procurou o kardecismo. Ingressou no Centro Fé, Esperança e Caridade, situado em Nova Iguaçu. Lá, aceitou um passe, buscou consulta e escutou da médium a revelação da moléstia: Ele havia contraído a síndrome do cavalo doido!

Os coices insistiam no aparelho digestivo. O animal nunca dormia, nem cansava. O bicho aproveitava o fato de estar morto, jamais perdia o fôlego. Os pontapés eram contínuos, insuportáveis.

O tempo voou nessa argumentação, amadurecendo o relacionamento do cavalo com a vítima. Os interessados entraram num acordo: Elói desistia da reciclagem, e o quadrúpede maneirava nos coices.

Os parceiros encontraram consonância num gosto comum: mergulharam no jogo das corridas de cavalos. O esporte passou a ser o entretenimento predileto do corcel, mas também atrativo para Elói.

Ao final da história do almoço de carne de cavalo. Elói do Papelão montou no cavalo doido e cristalizou uma lenda urbana no inconsciente coletivo de Mesquita.





CARREGANDO O FARDO

POR IDICAMPOS

Foram 365 dias vividos um após o outro, num ano conturbado. Ainda bem que as tão esperadas férias estavam prestes a começar. A esperança de tempos melhores ganhava horizonte. Anexou no mural da sala o resultado da prova final, participou da confraternização com os colegas, retirou o corpo no último mês do calendário.

Na mente trazia um fardo de desgaste. O período havia sido angustiante, pois as dificuldades de exercer o magistério corroíam a vocação. Trabalhava em excesso, mal tinha tempo para a família, promovia uma maratona para chegar até ao fim do mês com o salário de professor.

Rosivaldo era desses professores de matemática vocacionados, determinados. Explicava até o aluno aprender. Acreditava na educação, no conhecimento, na leitura, na expansão das capacidades cognitivas.

Lecionava no ensino fundamental, em escolas da periferia, para adolescentes de dia e adultos à noite. Mantinha uma rotina de 12 horas efetivas — quatro em cada turno — fora os traslados de casa pro trabalho, de um colégio pro outro. No total, acordava às seis da manhã, ia dormir à meia-noite.

No café matinal, encabulado com o despertador, lembrava do aluno do primeiro turno, obrigado a largar os estudos pra trabalhar. Refletia a realidade, arrastava a carcaça, às sete horas estava de pé, em frente ao quadro, aguardando os alunos lotarem a sala. Ensinava com afinco, porém a alienação da garotada dificultava a aprendizagem. Os estudantes escaldados pela pobreza, distraíam a mente com as fofocas na internet.

Comia um bate entope, retornava à cena no segundo turno, esbarrava na realidade escandalosa da miséria intelectual. Flagrava a protuberância na barrica da aluna de treze anos, carregando o filho do padrasto, receosa de revelar ao conselho tutelar a paternidade espúria. A mocinha, visivelmente constrangida por ser mulher, mantinha um silêncio sepulcral na aula.

A noite caía na pedagogia do dia a dia, trazia os trabalhadores, ansiosos de saborear a merenda do noturno: em regra, um suculento macarrão com salsicha. Para muitos a primeira refeição, um reforço considerável na fome imediata. Naquele universo, uma pequena parcela da clientela assistia à explanação da matéria com atenção; a maioria apresentava dificuldade de entender os deveres

Um grupo relevante cumpria dupla jornada: serviço mais deslocamento. Carregavam olheiras enormes no centro da cara, pois o transporte coletivo permanecia

de péssima qualidade. Os ônibus abarrotados de esqueletos, associados a malha ferroviária sucateada, compunham o sistema de mobilidade enfartado do Estado do Rio de Janeiro.

No fundo do refeitório, o olhar cabreiro do garoto vitimado por bullying, discriminado por ser travesti, entristece a narrativa. Enfim, a conta nunca fechava: a sociedade cobrava demais, contudo pouquíssimo oferecia. Daquele antro de descaso, uma fração insignificante teria alguma dignidade.

O toque do sinal de saída soava tipo alforria — liberdade antes que tardia — retorno ao seio da família, às lambidas do cachorro, às reclamações dos filhos, à carência da companheira, ao descanso do guerreiro.

Dezembro fazia as malas sem deixar saudade: as notas finais escritas nos diários, o conteúdo descrito na íntegra, o projeto político-pedagógico formulado para o período posterior. As horas extras estavam garantidas para o próximo ano.

Rosivaldo, de alma lavada, superava aquela jornada, almejava relaxar nas férias de janeiro. Mestre competente na resolução dos problemas da classe, entretanto travava na dificuldade de solucionar os seus próprios pepinos. Convivia com a mulher e cinco filhos, às margens do Rio Botas, nas mediações de Morro Agudo, numa moradia de três cômodos.

O 31 de dezembro chegou. O professor serviu um recheado banquete, rompeu o ano abraçando os afetos, fez declaração rasgada de amor à mulher, presenteou a todos. Esbaldou de alegria, exagerou na bebida, dançou forró feito samba, bambeou as pernas, terminou de porre.

Levantou seco, sacudido pelo ano novo. Passava do meio-dia, cuspiendo grosso, vomitando uma catinga de álcool. Recorreu ao pé de boldo, bebeu água igual camelo, aplumou o espírito. Ingeriu uma canja feita na panela da dona da casa, temperada com bastante carinho. Reagiu, venceu a ressaca, bateu nos peitos mostrando força, lascou uns beijos na amada, encarou o carma de frente.

Início do ano, férias merecidas — show de bola — conduziu a família pra passear em duas oportunidades na cachoeira de Xerém. Janeiro começava de pé direito, o ciclo lunar ajudava, as crianças iam bem nos estudos. Em breve, abandonaria aquela vida modesta; a sorte tinha feito as pazes com ele.

A roda do destino rolava suave na linha da vida, todavia o sábado amanheceu de ovo virado, cinzento, repleto de nuvens. Em instantes, vieram os trovões — o céu desabou

— choveu de cachorro beber água em pé. O Rio Botas meteu a botina nos moradores: transbordou... O rio revoltava-se com o lixo da sociedade.

A reprise dos últimos janeiros marcava presença. Morro Agudo inundava, desaguava num mar de lama. Rosivaldo, com a água no pescoço, viu o sofá — faltando duas prestações pra quitar — encharcado de merda, abarrotado de plásticos, boiando num mundaréu de sujeira.

O desespero tomou conta do lance. Assistiu à casa descendo correnteza abaixo, presenciou os sonhos esfacelados tipo papel, desmanchando diante da catástrofe. Em meio à tempestade, a esposa sumiu, foi tragada pelas águas.

Na hora do afogamento, relatam as testemunhas: a vítima, revoltada, jurou vingança. Gritou para a comunidade ouvir que voltaria e levaria o vereador do bairro pro inferno.

A chuva estiou. O vereador do território, eleito por votos de cabresto, anunciou com um sorriso largo a sua solidariedade: trouxe vassouras, litros de água sanitária, desinfetantes, etc. Num piscar dos olhos, as ruas retomaram a normalidade.

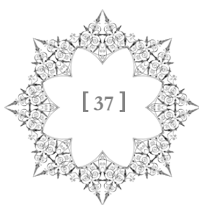
A alagação encerrou. O vereador Urtigas distribuiu cestas básicas, caminhões-pipa, pegou criança no colo, rezou na igreja, bateu cabeça no candomblé, diluiu-se na crônica de que “a esperança é a última que morre”.

A ladainha prevista do vereador imputava a culpa à natureza, ao aquecimento global, à fase da lua, ao descarte irracional do lixo no rio, à dona de casa pessimista que fala pelos cotovelos, à companhia de esgoto, ao fulano, ao sicrano, às férias do secretário de obras, às peraltices da administração pública.

O político, distraído, cheio de si, com o ego a florado, palavreando um monte de asneiras, nem percebeu o líquido espumoso do rio torcendo as entranhas. Formava-se um enorme redemoinho circular nas águas. Misteriosamente, surgiu uma mão do núcleo do fenômeno, abriu os dedos, agarrou a canela fina do vereador Urtigas, arrastou a autoridade para o fundo da imundice do rio abandonado.

O último boletim oficial da prefeitura sobre a enchente registra cinco óbitos e dois desaparecidos: o vereador e a mulher do professor. A bem da verdade, o caso aterrorizou a área. Os moradores dizem ouvir gritos de socorro vindos do rio em dia de chuva forte.

Os políticos medraram, abandonaram a campanha política no entorno. Temem a maldição do Rio Botas!





CURIMBA

POR IDICAMPOS

Quando os atabaques rufaram na religião de matriz africana, o canto brilhou na força do som. Os umbandistas já sabiam que era dia treze de maio de 2024. Baixava no terreiro o Preto Velho, nascendo de novo a cada suspiro do Ogã.

Preto Velho germinou no continente africano, berço da civilização humana. A África teve o privilégio de testemunhar as realizações faraônicas da cultura egípcia, vitrine das enigmáticas pirâmides de pedra.

Entregue à própria sorte, a um traficante de gente, nas praias da África, vendido a preço módico. Consequência da perda de uma batalha tribal, negociado pelo oponente tipo objeto inanimado.

O preto sofreu o pão que o diabo amassou. As cicatrizes do açoite mostram a dor, a recordação do navio negreiro atravessando o oceano. Nos primeiros dias no Brasil, foi exposto publicamente feito mercadoria, assujeitado às controvérsias do comércio escravagista no século XVI.

Em 1539, ocasião desse capítulo histórico, a Europa presenciava uma revolução cultural: uma antítese das ideias. O saber expandia a rebeldia contra a teocracia religiosa. Florença gestava a audácia do Renascimento.

As capitanias hereditárias, no recém-formado Brasil Colônia, implementavam a cultura da cana-de-açúcar. Cultivavam a planta em resposta ao alto valor agregado do produto no mercado internacional.

Nesta tumultuada época, Preto Velho atracou no Brasil, submetido ao racismo, às humilhações da colônia. Rascou a pele cortando cana de sol a sol, adoçava os salões dos palácios com a seu sofrimento. Uma trajetória amarga, cuja maldade logrou uma passagem curta por aqui. Presença encerrada com a falência do corpo por desnutrição.

Mudou de dimensão, deu um tempo no quintal do além, ressurgindo novamente no princípio do século XVIII. Agora, cavava buracos como tatu, embrenhado nas profundezas das terras mineiras à procura de ouro, garimpando a riqueza da coroa portuguesa.

Diante da oportunidade, escondia ouro nos cabelos — atitude causadora da sua morte inusitada — ocorrida ao fugir do capitão do mato, alvejado por um golpe de espada: indo a óbito vazando sangue na mata.

O Governo Geral, centro político da supremacia lusitana, sustentava uma sociedade baseada na mão de obra escrava, com uma economia baseada na exploração do ouro. Os fidalgos portugueses, com o apoio da Igreja Católica Romana, concebiam a ideia de que africanos e indígenas não tinham alma.

Enquanto isso, Preto Velho viajava na linha do tempo, acomodado no universo espiritual. Tinha alma, sim. Aliás, por lá fez curso com os arcanjos, estudou a evolução do espírito... Conviveu com a bondade dos anjos, absorveu a sabedoria, compreendeu as curvas do carma: reconheceu no passado, no presente e no futuro uma existência única.

Então, iniciado nos mistérios da existência, entendeu os movimentos do planeta, assimilou o conceito de misericórdia divina. Já pronto para a próxima jornada. Preto Velho despencou do azul do infinito na luz do parto. Veio alienado do pretérito, em outro organismo. Reaparece no ventre de uma preta linda, na segunda metade do século XIX, onde cresce beneficiado pela Lei do Ventre Livre.

Rala o bucho no porto como carregador, mas é um homem livre; reúne economias, estuda bastante, apaixona-se pelas leis, aprofunda o conhecimento jurídico: forma-se em advogado.

Na batuta do direito, defendeu a abolição total da escravatura, livrou da senzala um incontável número de pessoas. Advogava com altivez, encantava o júri nos tribunais, possuía uma explanação impecável. Uma performance digna da admiração da vanguarda intelectual do momento. A militância do advogado humanista convergia com as novas ideias dos anos 1800.

Desencarna em casa, com a família ao lado, de velhice, com a certeza do dever cumprido. Rodeado de amigos, reúne um cortejo de bons corações para celebrar uma vida voltada para um mundo melhor.

Venerado no umbral da Grande Fraternidade Branca, na comunhão da evolução espiritual, vislumbra a purificação do criador: a personificação do espírito iluminado, recebendo as honras de grande alma.

Ao atingir o grau de mestre do saber nas iniciações da fraternidade, corrobora o merecido reconhecimento, podendo transitar em várias dimensões; caminhar no plano dos vivos e dominar os mistérios da morte.

Preto Velho, ciente dos desígnios de Deus, responde ao chamado do atabaque na curimba. Traz o branco nos cabelos, a coluna curvada pelo peso do tempo, montado na sua história de escravizado. Senta no banquinho, toma um gole de vinho, acolhe com pertencimento a dor do devoto.

Levanta as mãos ao céu numa prece de saudação aos quatro elementos: terra, água, fogo e ar.

De posse do respeito ao Preto Velho, de joelhos, a mãe de santo, a babalorixá, indaga o espírito visitante:

— Preto, nos conte a sua sina.

— Venho da ferida da guerra, na busca pela evolução da humanidade.

— Quem é o adversário nesta luta?

— O mal.

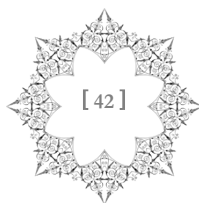
— Como venceremos a batalha entre o bem e o mal?

— Acabando com a ignorância.

— Por quê?

— A maldade é fruto da ignorância humana, da incapacidade de ver no próximo um pouco de si mesmo.

O Preto Velho da lida, tímido, pedi licença à mãe de santo, levanta, parti pra dança... Agradece ao criador o milagre da vida; roda no ponto tocado em sua homenagem. Abandona o galope do cavalo, sai de banda na roda de umbanda.





GOLPE DE SORTE

POR IDICAMPOS

A sorte é parceira do azar. Às vezes há muita sorte quando dá tudo certo; ou, por outra, nada acontece como planejado: tem-se o azar...

Naquela manhã que não prometia novidade, numa tremenda quarta-feira de cinzas, de um carnaval sem capital afetivo, só mesmo uma surpresa faria diferença. Aí, tocou o telefone: — Trim! Trim! Triiiiiim...

O coração vazio, o bolso raso, o futuro incerto — toda a ladainha de uma existência pobre de futuro — ganhava fôlego na esperança do telefonema... Nem prevaricou, após soar três vezes, lançou a mão no aparelho:

— Alô!

— Bom dia! Com quem falo? Uma fala mansa de mulher levantou o astral...

— Aquilino da Boa Morte.

— Muito bem, senhor Aquilino, hoje é seu dia de sorte!

— Por quê?

— O senhor ganhou na Loteria do Cupom.

— Que é isso?

— A loteria do Cupom contempla, mediante sorteio anual da nota fiscal, o pagamento de um prêmio bilionário, de acordo com o número do CPF do cidadão.

— Obrigado, querida, pela sorte! Estou explodindo de alegria!

— Quando gostaria de receber o bilhão?

— O mais rápido possível!

O sorriso do Aquilino mordia-lhe as orelhas. O ancião dava pulos de felicidade, sedia a emoção ao golpe de sorte. A voz vibrava junto ao ganhador da fortuna:

— Parabéns Aquilino! A intimidade da voz fina largava mão dos pronomes de tratamento...

— Já posso sacar algum?

— Vejamos, tenha paciência, tem uma pequena burocracia...

— Desembucha.

— Uma nota fiscal do leite com água sanitária.

Enfiou os dedos no saco de notas: — Achei!

— Agora, a nota eletrônica daquele produto de 500g, que ficou com 400g, e recentemente contém 380g.

— Tenho!

— Uma nota de alimento com agrotóxico, que provoca câncer...

— Aqui! Uma porção...

— Uma só, Aquilino.

Emocionado, questionou radiante: — Completei as exigências?

— Quase. Ainda precisa de alguns documentos.

— Quais?

— Regularizar a firma no cartório, provar a idoneidade moral, apresentar o atestado de reservista, o título de eleitor, CPF, carteira de um time de futebol, prova de vida e comprovante de residência.

Lembrou, de estalo, daquela carteira de sócio-proprietário do Futebol Clube Guaraciabá, time da quinta divisão do campeonato carioca de futebol, guardada à bastante tempo como relíquia. Pediu licença à voz do aparelho, abriu o armário, pegou a pasta dos documentos, satisfaz a demanda.

— Pronto, os pedidos estão reunidos.

— Partiremos aos finalmente...

— Diga.

— Urge despachar, carimbar, molhar a mão do agente, acessar a última instância, uma papelada enorme. Um conjunto de prerrogativas legais expostas no edital do Concurso do Cupom.

— Por onde começo?

— Reúna as economias da poupança, deposite na conta: 6917169-7, do banco X; o resto a gente resolve.

Sentiu firmeza: a mulher sabia até quanto tinha na aplicação, prova cabal da seriedade do negócio. Possuía uma quantia razoável, destinada ao seu enterro, depositou o total, na tal conta.

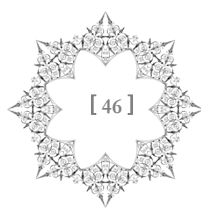
Trinta dias rolaram e nada... Ligou ao número do concurso, ninguém atendeu à chamada. O site do Concurso do Cupom desaparecera da internet. Tomou uma volta redonda da fala mansa.

Aquilino não resistiu ao azar: caiu duro, vítima de infarto fulminante do miocárdio, na sala, enrolado nos fios do aparelho telefônico.

No momento do enterro, a fofoca ganhou o velório, pois na capela ao lado acontecia uma festa de arromba. Enquanto isso, o pobre Aquilino dependia da solidariedade dos amigos para pagar as despesas do seu sepultamento.

Os amigos do Aquilino, de ouvidos atentos, escutavam a história da vizinha da outra capela. Tratava-se da morte de um travesti, conhecido como Fala Mansa, assassinado por causa de estelionato em sorteios de loteria.

A criatura, cravejada de balas, recebia a merecida vingança por parte de um pretenso otário. Por sorte, Fala Mansa possuía honras de rainha no cemitério: com o dinheiro da poupança do Aquilino. O estelionatário levava o melhor da matéria e um bilhete de primeira classe para a viagem ao inferno.





O ANIVERSARIANTE

POR IDICAMPOS

O comércio estava arrumando a casa, a economia bombava, o desemprego caía, a inflação havia tomado uma rasteira. Até o padre da paróquia de Belford Roxo foi visto no shopping fazendo umas comprinhas.

Tanta prosperidade, no entanto, alcançava uma pequena parcela de Belford. A distribuição de renda continuava a quem de uma sociedade contemporânea rica. Constituíam um momento propício para a melhoria de qualidade de vida de todos, porém insistiam na ciranda dos costumes: uns poucos endinheirados e a massa no limite da miséria.

O natal daquele ano insinuava felicidade. Os irmãos permaneciam unidos aos trancos e barrancos, a fé enfrentava a montanha da discórdia; as crianças, ainda puras, refletiam no olhar o amor pelos pais. As coisas iam tão bem que se vendia menos cachaça: as pessoas almejavam à sobriedade dos novos tempos.

Na manhã do dia 24 de dezembro, o assistente do vigário lavava as escadarias da Igreja de São Sebastião. O sacristão deixava os degraus tinindo de limpeza, quando escutou uma súplica: — Homem de Deus, dai a este pobre o quê comer!

O pretenso seminarista respondeu com a mão aberta, sugerindo aguardar um instante. Ingressou no interior do salão, retornou com café e pão para duas pessoas, porque o pequeno no colo ainda mamava no seio da mãe.

O religioso indagou: — Aonde vão?

— Caminharemos, reto, rumo ao poente do Sol. Completou o andarilho.

— Comemorarão o Natal adiante?

— Perdemos nossa casa na enchente, passaremos a data ao relento. Respondeu a mulher.

— São nossos convidados para a ceia na Igreja de São Sebastião.

A família brilhou, unida, com aquela compaixão: — Obrigado, senhor, receberás da providência divina em dobro!

O sujeito trouxe-lhes toalhas, sabonete, e também roupas limpas. Assearam os corpos, descansaram no quarto de hóspedes. À tardinha, revigorados, partiram pro trabalho. Enquanto o pai lustrava as imagens, o filho, de olhos abertos, observava o azul do céu, e a mãe esquentava o umbigo no fogão, preparando os quitutes para a festa.

Padre Sebastião, trancado nos aposentos, retirado em contemplação, alheio à visita dos pobres, levava o pensamento ao arquiteto do universo, clamava pela paz na Terra. Implorava ao criador, de joelhos, pela evolução espiritual da humanidade. O recolhimento do vigário no Natal começava após o café, indo encerrar às 16h.

Então, descansava os joelhos, tomava um banho, madornava um pouco. Conduziria a missa do galo às 18h, receberia os católicos balbuciando as palavras próprias da ocasião. A missa tradicional do aniversário de Jesus no Vaticano seria às 24 horas; em desacordo com a Igreja Católica Romana, acontecia em Belford Roxo às seis da tarde, devido ao aumento desenfreado da violência na Baixada Fluminense.

A mulher distraía a mente fritando rabanadas, refletia sobre o futuro da família, lembrava da sua sina de lavadeira, torcia para o chefe da família arrumar ocupação na construção civil. O destino deles dependia do mercado de trabalho — extrapolava os meandros da fé — necessitavam de uma conjuntura social favorável ao pleno emprego.

O Sol despedia-se no fim do dia, o sacristão badalava três vezes o sino: — Blem! Blem! Blem!

Os devotos, um a um, ocuparam os bancos da paróquia — uma plateia surreal — desde o arrependido ao culpado, do estelionatário ao sábio, do eletricista ao cego.

Na primeira fila, o prefeito de braços dados com a primeira-dama; os vereadores acompanhados das respectivas esposas; os secretários municipais; o delegado; o contraventor; mas também os maiores empresários do município.

Na segunda fila, os puxa-sacos, as amantes, os garotos de programa, o dono do botequim, o gerente do movimento, o contador do banco, a dona da casa de massagem, o vendedor de linguiça, o advogado, o professor, o médico, etc. Enfim, a classe média com o olho maior que a barriga.

Da terceira fila pra atrás, a ralé: composta pelo cachaceiro, o vapor da boca de fumo, as primas da rapaziada, o garotão de silicone, a menina de barba, os bissexuais e os trabalhadores do jogo de azar. A face dúbia dos membros da igreja.

Dentre os descamisados estavam os viajantes, acolhidos na compaixão do templo, assistindo ao sermão do padre Sebastião. O padre desenrola as palavras sagradas, relembra a fala do Cristo: “Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei”.

As almas penadas, escondidas na multidão, saem fora: é a hora da purificação pelo amor ao próximo. Com tanta reverência quem não é capaz de amar, seja moça ou rapaz, nunca terá coragem de defender a via do coração. A fé alivia a dor, conforta o espírito, cura as paixões doentias, serve-nos de lenitivo pras feridas do caminho.

O mentiroso desculpa-se com a verdade, o malvado flerta com a bondade, o careca aperta a mão do cabeludo, o magrelo abraça o gordinho. Num lapso curto, enxergam-se iguais: irmãos em comunhão, consequência do santo dia. São, em geral, os passantes da jornada, invariavelmente, lobos vestidos de cordeiros.

A vibração da oração transborda na boca do padre Sebastião: — Senhores e Senhoras, na saída da sacristia fui informado da visita de uma nova família à nossa comunidade.

— Padre Sebastião, esta família vem da zona sul? Entra na oratória, a menina de vestido novo.

— Nem sei a origem.

— Provavelmente, católicos vindos de Roma, a pedido do santo Papa. Vocifera seu Augusto, o anotador do jogo do bicho.

— Adorados fiéis, a distinta célula social advém da rua da amargura.

— Como surgiram aqui? Interroga a carola.

— Com fome e sede.

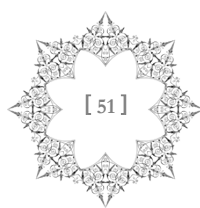
— Devem ser uns vagabundos preguiçosos. Participa da palestra a autoridade do executivo municipal.

— Engana-se, senhor prefeito. A senhora confeccionou a ceia e o marido ajudou a arrumar a igreja. Interpela o sacristão.

O padre, apoiado na vocação, fortalece o lamento: — Queridos irmãos, a família acomoda-se na última fila. Participarão, hoje, da ceia na igreja de São Sebastião, porém precisam de hospedagem e alimentação na passagem para o ano novo. Quem se habilita?

A primeira fila abaixou a cabeça, a segunda fingiu-se de rogada, a terceira pouco tinha pra ofertar, aí calada ficou. Assim, o padre solicitou a presença da família no altar: o pai, a mãe e o filho recém-nascido no colo.

Padre Sebastião abraçou os visitantes, prosseguiu perguntando o nome dos flagelados. O varão anunciou a identidade da família: — Chamo-me José, ela Maria e a criança foi batizada como Jesus.





O CHEIRO DO PODER

POR IDICAMPOS

A manutenção da existência custa caro. Por isso Tarcílio, desempregado, recorreu ao clientelismo: conseguiu uma carta do vereador da área, endereçada à Secretária Municipal de Urbanismo, pra uma vaga de jardineiro. Nada entendia do assunto, mas a sua escolaridade permitia apenas mexer com a terra.

Tomou posse. Incorporou a personalidade de puxa-saco, cacoete, pau pra toda obra... Num lapso de tempo recebia promoção, virava chefe. Garantia o cargo dizendo “sim senhor” e “não senhor”. Nunca lhe cabia o direito à opinião.

Na botânica municipal, precisamente na plantação, articulava a política do toma lá, dá cá. Cultivava flores na estufa pública, as quais serviam para decorar os velórios dos eleitores.

O vereador Norivaldo, seu padrinho, ganhava a cena nos enterros: chorava, abraçava a família, ajoelhava, rezava, garantia o lanche dos parentes do moribundo, consolava a viúva, prometia mundos e fundos...

O vereador da cartinha fedia muito. Detestava tomar banho, tentava atenuar o mau cheiro com fragrâncias, no entanto, continuava com cheiro de gamba molhado. O parlamentar exalava o cheiro do metrô de Paris, no horário de pico: uma mistura de catinga com perfume francês.

O pior residia no fato das moscas acompanharem o político em comitiva, em qualquer lugar que ele fosse. Inclusive nas reuniões do partido, onde Tarcílio jamais poderia faltar, por causa do rabo preso com o fedorento.

O vereador Norivaldo era muito chique: terno feito no alfaiate, sapato de couro de jacaré da Amazônia, cabelo bem cortado, caneta importada, relógio suíço, etc. A contrariedade acontecia no hábito de tirar meleca e esfregar na roupa de linho.

A autoridade legislativa defendia os ricos, porque os empresários geravam empregos pro povo. O político falava bem, apertava a mão dos cidadãos, pagava cerveja para os cabos eleitorais, colocava as crianças no colo, distribuía dinheiro, ouvia as reclamações dos necessitados, exercia o mandato com assistencialismo exemplar.

Os discursos, nos palanques improvisados, mantinham uma distância mínima de uns três metros da plateia, pois o mau hálito do mandatário desmobilizava o eleitorado.

Numas dessas atividades partidárias, a mosca, elevada à condição de assessora, pousou no jardineiro Tarcílio, fez morada nos cabelos do peito, depositou uns ovinhos e retirou-se faceiramente... O inseto contou com a distração do ajudante de ordens, alheio à hospedagem da intrusa.

O jardineiro chegou em casa suado, cansado do comício, mas desistiu de tomar banho. Ainda que desagradando a esposa, deitou sujo mesmo, dormiu pesado feito uma pedra... No dia seguinte, acordou com uma comunidade de moscas residindo no assoalho da pele suja.

Incomodado com a infestação, tomou uma ducha, colocou inseticida, livrou-se do infortúnio... As horas tropeçaram nos minutos, num fôlego de tempo, passou a sentir um aperto no coração e o tórax começou a inchar... No local da invasão surgiu uma montanha esverdeada, revestida de amarelo nas extremidades.

O medo do fim tomou conta do camarada. Desesperado, já arrumava as malas para mudar-se para o cemitério. Quando a esperança mudou o rumo da prosa: bateu palmas no portão um mata mosquito. O profissional, experiente, detectou a larva da mosca verde em Tarcílio.

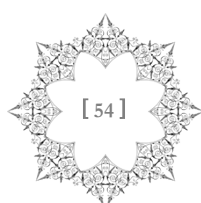
A companheira atenta ao marido, orientada pelo agente sanitário, ligou pra emergência, em poucos segundos a ambulância apareceu. Colocaram Tarcílio na maca, adentraram no furgão, aceleraram em direção ao hospital...

A unidade de saúde, conveniada com o SUS, atendia à população da cidade. O hospital pertencia à família do prefeito, contava com uma fila de virar o quarteirão... Depois de oito horas aguardando, as primeiras mosquinhas nasciam, sobrevoando a espelunca felizes.

Vendo a coisa sair do controle, os acompanhantes naufragaram no desespero, efetuaram a emergência... A mulher segurou os braços do marido, executaram o procedimento ali mesmo na sala de espera. O mata mosquito transvestiu-se de cirurgião, empunhou nas mãos um alicate; retirando, por sorte, o ninho dos insetos do enfermo.

Na sequência, uma nova eleição: o vereador Norivaldo Cheiro Verde venceu em primeiro lugar, eleito deputado federal! Assumiu em Brasília e preside a Comissão de Saneamento Básico do Congresso.

Tarcílio tomou vergonha na cara: deixa os chinelos da rua no batente da soleira, lava as mãos periodicamente, toma banho diariamente, vive exalando aroma de sabonete... Aposentou por invalidez permanente, traz no peito a cicatriz daquele monte de sujeira...





OS DONOS DA TERRA

POR IDICAMPOS

A famosa Revista Sustentável, em formato digital, trará um furo de reportagem: uma notificação dando foco à chegada da Era de Aquário. Serão várias laudas, uma informação centrada no nosso futuro!

Os indígenas, os genuínos proprietários da terra, ligados na internet, visitam o site do astrólogo Hermano da Luz, cria de Nova Iguaçu. O habilidoso observador dos astros, consciente de sua missão, revela o mapa astral do planeta Terra. O astrólogo expõe o prenúncio dos novos tempos...

O líder dos povos da floresta, entrevistado na oca central da tribo, concorda com as previsões do mago dos astros: o iluminado Hermano, guardião do conhecimento hermético.

Hermano provoca os maldosos, insinua a paz entre os seres de bom coração, descortina o recado do universo, evidencia a evolução da raça humana escrita nas estrelas.

O meio de comunicação — na entrevista exclusiva — trata da construção do texto jornalístico, afirma ser uma tomada de consciência jamais vista por estas bandas. O repórter, emocionado, descreve a descoberta do sábio que observou, no céu, um encontro de luzes ao redor da Constelação de Aquário.

Segundo o gênio, abalizado pelos nativos brasileiros, nos aguarda uma tomada de consciência: um retorno ao paraíso. Para efetivar isso, as aldeias de Paraty, Angra dos Reis e Maricá realizam uma assembleia.

A aldeia Raiz da Paz hospeda o congresso, reunindo os irmãos em Angra dos Reis para discutirem a nova era: o lar da sustentabilidade, o colo da adversidade, a união das origens na composição da futura raça humana.

O indígena mais idoso — senhor do primeiro ato — lê o discurso aos irmãos, no idioma tupi-guarani (cordialmente traduzido por um linguarudo):

— Somos a química da terra, plataforma do fogo, filhos da água, nascidos do sopro do ar, frutos da natureza! Conclamamos a fusão do criador com a criatura...

Impõem-se o amor ao planeta Terra. Decreta-se o carinho do pai pelo filho no seio da mãe. Venera-se o respeito ao cultivo inteligente do pão no colo da natureza.

Transborda o cálice cheio da filosofia, numa enchente de descobertas que esclarecem os mistérios ocultos do universo. O conhecimento desmascara as armadilhas da ignorância.

As vias respiratórias da existência suplicam atenção com o ar que respiramos. Reivindicam uma gestão comprometida com a qualidade da vida humana. Uma ação eficaz para controlar a poluição e garantir uma vida saudável no planeta...

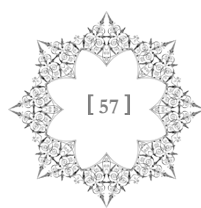
A água, origem da vida, agoniza nas nascentes, envenenada por mercúrio na extração do ouro. Até quando o nosso útero sobreviverá à ganância do lucro?

O fogo, mesmo usado feito arma, insiste como confidente do espírito, sendo uma relíquia da arquitetura do universo. A chama purifica o astral, ilumina o caminho dos buscadores da luz...

“O nariz empinado do dinheiro debocha de Tupã” — insisti o Pajé na palestra aos jovens — o capital propaga a tristeza da alma, estimula a depressão do indivíduo contemporâneo, é o mal dos velhos tempos. Somos vítimas de nós mesmos — nas trapaças do ego — vivendo uma passagem medíocre na nossa própria casa, insistindo na exploração do homem pelo próprio homem...

Após esse discurso emocionante, as testemunhas assumem o compromisso de flagrar a história da transposição das ideias. São as considerações sinceras da crônica jornalística desabando nas lágrimas do fotógrafo... A emoção toma conta do conjunto, sensibilizando a imprensa carioca.

O editor-chefe, absorto no contexto, reflete sobre a pauta do noticiário. Contemporiza o conteúdo com as citações de Hermano da Luz... Viaja nos pensamentos, ratifica a resenha do futuro da humanidade.





OS LUNÁTICOS

POR IDICAMPOS

A fofoca, de boca em boca, foi implacável. Todos já sabiam: o ser humano, feito um caranguejo, dava as costas para o futuro; partia pro ataque, invadia o quintal do próximo, cuspiam no prato em que comeu, insultava o criador... Mostrava, diante da incapacidade de amar, a habilidade em odiar.

O império ruía, a riqueza vazava pela escotilha da história. Os banqueiros perdiam a majestade. O valor do dinheiro despencava na bolsa de valores. O poder do capital assumia a máxima: a melhor defesa é o ataque!

A reação não tardou, armaram os soldados de chumbo, colocaram a religião no meio, meteram o nariz no sexo alheio, discriminaram a origem do semelhante, segregaram por etnia; fizeram das tripas o coração para promover a destruição da oposição.

A situação botou pra quebrar, defendeu a permanência da exploração do trabalho pelo capital. Investiu na indústria da morte, montou as bombas do caos; convocou os cidadãos alienados da realidade e rumou em direção às trincheiras do apocalipse.

Os ricos, autores da guerra, como sempre, acenderam a fogueira, mas cagaram de medo. Lotaram os seus foguetes supersônicos, encheram a bagagem de suprimentos, deslocaram-se para o mundo da Lua.

A burguesia mantinha uma cidade espacial no satélite natural do planeta, movida a energia solar, bem confortável. Uma infraestrutura desenvolvida com a robótica. A classe dominante vencida a contradição de classes.

O sonho dos poderosos, instalado na Lua, dispensava mão de obra: possuía um sistema de manutenção social contínuo, ausente de gente, operado por botões, a custo irrelevante.

Do espaço, em frente às telas digitais, a classe dominante via a terceira guerra mundial no camarote. Os bilionários apostavam fortunas, nas casas de apostas, nos respectivos exércitos e em quem acabaria com a Terra primeiro.

A maior parcela da sociedade humana passava fome, a morte fazia a festa. Explodiam epidemias, morriam milhares de pessoas por minuto. Homens assassinavam

mulheres, esposas mutilavam o prazer dos maridos, filhos destratavam as mães, o fim caía no precipício.

Na pátria amada, os políticos engrossavam o caldo, defendiam o extermínio dos descontentes. Os canalhas contribuíam com o financiamento do genocídio da humanidade; os idiotas, sedentos de sangue, acabariam com o mundo.

Em contrapartida, eles fugiam do conflito — com o rabo entre as pernas — com o lucro na bagagem. Desfaziam do patrimônio sucateado, vendiam as fazendas, sublocavam os parques industriais. Com o dinheiro arrecadado, investiam na Lua, davam no pé, iam fazer vidinha no paraíso lunar.

Os generais comandavam o conflito ao telefone, assistiam, sentados em escritórios de luxo, ao vídeo da batalha, porém exigiam o patriotismo dos soldados. Os sonhos das novas gerações escorriam pelos dedos.

No K 11, no último andar do morro, refugiaram-se os cachaceiros, os poetas, os filósofos, as prostitutas, os gênios incompreendidos; enfim, a resenha dos excluídos clamava por paz. Encontravam, numa convergência de sentimentos, a única coisa boa que restara na face da terra: a solidariedade.

Um cabeludo organizava a resistência, inflamava os correligionários a sabotar a tristeza, acreditar na esperança. A liderança acendia uma vela na escuridão, em meio à plebe, pronunciando: — Ainda existe saída!

O curioso esticou as sobrancelhas: — Como assim?

— Escafedendo pro espaço.

— Pra Lua?

— De jeito nenhum, na Lua vão nos explorar de novo.

— Onde, então?

— Em Plutão, longe do atraso autoritário da ganância, livres da luta de classes.

As prostitutas levariam toda forma de amor, os filósofos os bons pensamentos, os poetas o romantismo. A utopia dos revolucionários estaria garantida: construiriam uma sociedade alternativa, baseada em harmonia, recheada de criatividade. A religião teria por dogma a via do coração; o suor do trabalho mataria a fome, assim como a sede cessaria com respeito à natureza.

Um estraga prazer perguntou: — Quais as probabilidades de vida humana em Plutão?

O cabeludo, prontamente, respondeu na ponta da língua: — Mantenho contato, há anos, com os Plutões. Plutão é seguro, contém ar puro, água limpa, pôr do sol, todavia, teremos que nos adaptarmos à cultura dos anfitriões.

— Como assim? Indagou a bela jovem.

— Os Plutões são vegetarianos.

— Isto é mole, tiramos de letra. Respeitaremos os animais e trataremos a flora carinhosamente. Completou o poeta.

O filósofo, interrogou: — Como iremos ao destino?

— Desenvolveremos uma espaçonave que atingirá a velocidade da luz! Gritou o cabeludo, o cientista do grupo.

Os interessados prontificaram apoio, deram força à façanha. O mecânico mostrou as mãos sujas de graxa, prontas pra empreitada; o eletricitista trouxe as ferramentas, mas também a fiação; o cabeludo manjava de linguagem digital; a mulherada sabia costurar; os demais esbanjavam boa vontade.

O projeto necessitava de um combustível capaz de transpor o universo. Uma substância potente o suficiente para alimentar o tanque do foguete. O cabeludo conduziu as pesquisas, a equipe científica concluiu por usar o hidrogênio.

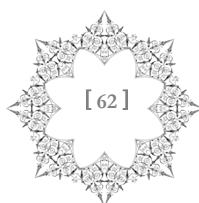
Os cientistas, debruçados no conhecimento, estudaram exaustivamente, submeteram vários elementos químicos aos testes de combustão. Depois de várias tentativas, encontraram hidrogênio diluído no gás humano. Diante dessa descoberta sensacional, a ida ao planeta Plutão estava garantida. Deliberaram as experiências e convergiram na ideia de que os peidos barulhentos possuíam mais potência.

Criaram a linha de montagem para a confecção do ônibus espacial, com capacidade de transportar 220 pessoas. Uma invenção extraordinária, colorida, confortável, arejada, com piscina, área de lazer, churrasqueira: uma acomodação digna de uma tripulação excepcional.

Os passageiros do coletivo deveriam — por força de regra — manter as cabines em bom estado de conservação durante a longa viagem. Além disso, assinariam um termo de compromisso, comprometendo-se a gerar o combustível necessário ao itinerário.

A invenção foi batizada de Fênix, o colosso interplanetário, nunca visto antes: uma bravura da tecnologia. Agora a classe operária iria ao paraíso. Apertaram os cintos, acomodaram as incongruências, fecharam o bagageiro lotado de alimentos.

O piloto ligou o possante, o motor roncou, o troço levantou voo, atravessou os limites geográficos do planeta Terra, em plena velocidade da luz. Partiram ao futuro, perdidos no espaço, desconstruindo conceitos à procura da paz profunda, em busca da evolução da raça humana. O fim protagonizando um novo começo.





RENASCIMENTO

POR IDICAMPOS

Alfredo Naroco, proprietário da indústria Plástico Total, entrou nos cinquenta anos num luxuoso apartamento em Ipanema, zona sul do Município da Cidade do Rio de Janeiro. Empresário do ramo de embalagens plásticas, orgulhoso, pedante, vivia contando vantagens na roda do chope:

— Polui com minhas embalagens plásticas parte da Baía da Guanabara! Tinha naquela afirmação um falso legado de sucesso.

Os amigos de copo, majoritariamente, empregados da poluidora, fingiam admirá-lo...

Tinha a solidão como companheira. Fazia sexo às terças-feiras, às 21 horas em ponto; caso a parceira atrasasse, ficava pra próxima terça. Metódico até no orgasmo.

Rodeado de puxa-sacos, avesso à família, evitava proximidade com as pessoas. Indivíduo frio, calculista, de afetividade nula.

O porteiro careca do prédio mal conhecia o som da voz do morador do apartamento 303. Naroco era incapaz de expelir um “bom dia” em cumprimento ao funcionário. Um morto-vivo, vivo e morto; morto ou vivo?

Ligou o computador. Uma novidade estampava as manchetes dos jornais: um vírus perigoso vinha da China, oriundo do organismo do morcego — não causava apenas uma “gripezinha” — poderia ser letal. O micro-organismo descia em solo brasileiro pelas escadas do avião.

A Plástico Total, indústria do capitalista, sofre com o surgimento da pandemia, em 2019. A firma perdeu mercado, demitiu funcionários, reduziu a fabricação de embalagens: um desastre econômico.

Atordoado com a conjuntura, sai do escritório, liga o carro. O asfalto mergulhava a cidade num fim de tarde fúnebre. O ronco do automóvel quebrava o silêncio das ruas desertas, ilustradas pelas placas de campanha: FIQUE EM CASA!

O sinalizador da garagem do prédio ofuscava, brilhando um amarelo triste diante a ausência do porteiro. Naroco abriu o portão manualmente com a chave. As vagas estavam congestionadas, os moradores acuados nos respectivos metros quadrados dos domicílios.

O porteiro fazia parte do grupo de risco. Encontrava-se recolhido no barraco, na Favela da Rocinha. Por isso, a portaria suspendia as atividades durante a pandemia. A mensagem, inquestionável, aparecia colada no elevador.

Alfredo adentrou o recinto, acionou a televisão. A apresentadora do jornal conversa com a câmera. Os livros transbordam as letras na estante; as paredes aparentavam palidez; os móveis olhavam o entorno mudos. O visual encenava um velório...

O condomínio, frio, ausente de calor humano: do lado esquerdo, a viúva do oficial; à direita a tristeza do doente acamado com Covid. Em frente, a bela modelo tossia no apartamento espaçoso. Os outros andares, totalizando 13, repetiam a infelicidade humana!

Os colegas tornaram-se escassos, as coisas mudaram; ninguém mais aturava a soberba do burguês: a antipatia, o mau humor, a companhia indesejável de um coração vazio...

Os quiosques no calçadão de Copacabana, abandonados à própria sorte, encrustavam a lembrança da praia lotada: gente correndo, banho de mar, surfista, futebol de areia, samba, etc.

As pedras portuguesas das calçadas choravam copiosamente, em solidariedade à dor do carioca desolado. Naroco sentou no meio-fio, as lágrimas rolaram, revelando a ferida aberta por um beijo mal dado, o abraço recusado, o amor não correspondido. O peito corroía de carência. Sofria com o tempo perdido...

Os dias encaixavam embolados um dentro do outro, os meses cambalhotavam na ribanceira, a calamidade insistia: seria o fim da nossa hospedagem no planeta?

Sacudiu a fuligem da estrada, dobrou as mangas da camisa, amanheceu no negócio, levantou a cabeça e pôs mãos à obra. Convocou os operários, ofereceu ajuda psicológica, deu novo ritmo ao trabalho, reuniu a equipe:

— Queridos colaboradores, precisamos reagir às dificuldades... O trato despertou estranheza entre os funcionários, porque o chefe mudara a postura.

— Como enfrentaremos a depressão econômica? Cortou o argumento do patrão, energicamente, o engenheiro de produção.

— Produziremos material hospitalar.

— Que tipo de material?

— Máscaras, roupas, luvas, botas, todas as vestimentas descartáveis para a proteção contra a Covid-19.

— Quando?

— Em boa hora. Abasteceremos os hospitais, reservando parte do produzido para doação aos necessitados.

Dependurou no telefone, estabeleceu contato com os acumuladores de riqueza. Mobilizou os grandes empresários. Confirmou, na empolgação, o início das tratativas para despoluição da Baía de Guanabara.

No segundo turno do dia, à tarde, levantou o endereço do porteiro careca. Subiu o morro, visitou o guardião do edifício, ofereceu solidariedade...

Os contatos comuns denunciaram o paradeiro da amante das terças-feiras. Tomou banho, aparou a barba, colocou perfume, incorporou o charme da paixão. Deslocou-se à Baixada Fluminense, precisamente na Avenida Mirandela, no centro de Nilópolis.

Plim! Plim! Plim! Apertava a campainha da casa da amada. Então, a fechadura destrancou:

— Surpresa! Você aqui?

— Queria vê-la, dizer-lhe o tanto te amo, o quanto preciso de você!

— Perdoa-me (fitou-o embaraçada) estou descabelada...

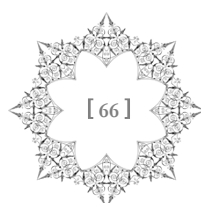
— Estás linda. Agora enxerco a tua beleza interior...

Dito isso, embarcou num beijo apaixonado!

— Nossa! Exclamou a mulher, comemorando o amor correspondido.

A felicidade ganhava endereço na modesta casa da periferia. O quarto guardava os segredos da intimidade dos corpos; a emoção infestava a retórica dos apaixonados; os lençóis planejavam um grande amor!

Depois do coito maravilhoso, distribuíram cestas básicas aos desamparados, acalentaram os vitimados pela pandemia de Covid 19. Fizeram as compras da viúva de Ipanema, deixaram um rastro de fraternidade por onde passaram...



SALA DE LETTURA

POR IDICAMPOS



As letras dão-se as mãos, formando palavras cheias de significado, as quais acomodam-se em sequência para construir as frases. O conjunto de frases compõem os parágrafos. Eles formam o texto e trazem coerência e coesão ao universo da Língua Portuguesa.

A garotinha da comunidade, numa sociedade de raríssimas oportunidades, frequentou a escola pública, esbarrou nas construções complicadas do material pedagógico. Uma didática, invariavelmente, dissociada da realidade da favela.

Cristiane, uma criança de nove anos, aprendeu a ler com facilidade, apesar dos livros oferecidos na escola apresentarem o imaginário da classe média, distante do dia a dia da menina.

O amor pelos livros começou numa atividade na biblioteca do colégio. A professora Kátia colocou a turma em círculo. Portava nas mãos uma caixa de madeira, a qual afirmava está repleta de magia... Depois de muito suspense, retirou do objeto uma história em quadrinhos, colorida, com personagens infantis parecidos com a gente.

O primeiro contato com o gibi ganhou a garotada, refletia aquela infantilidade... Lá havia uma menina dentuça como Maria, um anjinho semelhante ao coleguinha bonzinho, um menininho com a língua presa igual ao Serginho. Até o dinossauro confidente da mochila de Emília virou personagem... Além da participação especial do coelho, presente na decoração da Sala de Leitura.

As histórias em quadrinhos embalaram a infância de Cristiane. Ela sentia-se engrenagem na confecção da narrativa, via na construção dos personagens alguém que escrevia sobre o universo infantil.

A vida nunca mais foi igual após o encontro com a revista em quadrinhos, testemunhavam os pais de Cristiane. A garota tinha opinião tipo a Mônica do Mauricio, questionava tudo feito o Cebolinha, tornou-se carinhosa inspirada no Anjinho do gibi.

A curiosidade, mesclada à crítica severa, detonou os heróis importados: detestava a cara do musculoso verde, achava o voador uma falácia, ria das trapalhadas do morcego idiota, debochava do soldado mascarado, etc. Passou a defender a literatura nacional.

Os problemas começaram com a identificação com o Cascão: Cristiane cismou de não tomar banho, aquilo atormentou os responsáveis. Entrava no banheiro, ligava o chuveiro, ficava fazendo bolinha de sabão, maquiava a boneca; negligenciava o asseio do corpinho. Molhava as mãos, umedecia os cabelos, enrolava... Saía do banheiro de roupa trocada, enganava os adultos.

Dona Ercília, a mãe, percebeu algo errado: um cheirinho desagradável de suor grudado na pele da filha. Questionada a respeito do mau cheiro, Cristiane desconversava, fugia do papo reto...

O conflito logrou solução na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, onde conheceu o mago dos quadrinhos, o adorável Mauricio de Sousa. Quem o conhece pessoalmente sabe da sensibilidade do autor. O criador do gibi da Mônica recebeu Cristiane, uma criança simples, com ternura. Os pais solicitaram a intervenção do escritor no caso do banho.

O autor explicou a natureza do Cascão: afinal, o sujinho fazia referência à necessidade de higiene. Cristiane ouviu com atenção, caladinha, balançou a cabeça, mostrando ter entendido o recado.

Mauricio, rodeado pelos personagens da obra consagrada, chamou o ator vestido de Cascão. Cristiane abraçou o boneco grandão, sentiu o cheirinho de limpeza no Cascão. O suficiente pra detonar a cisma com o chuveiro.

Noutra ocasião, vidrada no Anjinho, amarrou um lençol no pescoço, subiu nas telhas, queria sair voando... Sendo interrompida pela mãe na hora da decolagem; com a argumentação de que só os anjos sabem voar... Cristiane sorriu e jamais retornou ao telhado.

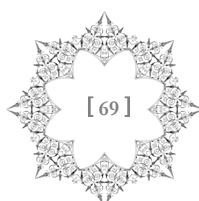
A infância partiu, deixando no lugar da garotinha uma bela adolescente: inquieta, atenta ao perímetro da sua existência, consciente dos direitos sociais, pontual com os deveres com o próximo.

Mocinha, cheia de vaidade, rejeitava a gulodice da Magali. Queria ser princesa, despertar o romantismo de um príncipe... Com o andar da carruagem, tropeçou no fato de que princesa brasileira não frequenta conto de fadas.

O destino ligou Cristiane a Paulo, um rapaz encaminhado no exercício das leis: um advogado. Tiveram um casal de filhos e foram felizes...

Cristiane, apaixonada por livros, estudou literatura, formou-se professora. Ingressou no magistério, indo parar na escola onde aprendeu a ler. No colégio, assumiu a sala de leitura, continuou a formar novos leitores.

Hoje — dia dos quadrinhos— a aula, na sala de leitura, tem uma mensagem diferente: a professora Cristiane divide com os alunos a sua história. Conta como a leitura modificou a vida de uma menina do Complexo do Alemão...



UM BALANÇO DOS ACONTECIMENTOS

POR IDICAMPOS



Daquela sacada, no seio dos acontecimentos, uma cadeira sacava o entorno calada, recolhida na sua insignificância de objeto estático. Arquivara na memória desde a raiz da árvore à condição de mobília... Registrava, passivamente, o acolhimento de várias gerações...

Comprada numa loja chique, servira de presente de aniversário à bisavó. Testemunharia o patriarcalismo, a conquista do voto feminino, a inserção da mulher no mercado de trabalho; mas também denunciava o autoritarismo do bisavô!

O casal viveu o nascimento do século XX. Acordava tomando café com leite, ouvindo o rádio embutido numa caixa de madeira, ainda funcionando com válvulas, alimentado na tomada, anunciando a Primeira Guerra Mundial.

Os bisavôs bateram as botas. A cadeira de balanço parou na sala de vovô, com as palhas do assento danificadas, onde o buraco era mais embaixo, pois ali as mulheres romperam as amarras... Vovó ingressou no curso normal, tornou-se professora. O marido, a contragosto, fruto do machismo enraizado, teve de aturar a emancipação da mulher que dividia as despesas, cobrando respeito e igualdade de direitos.

Moravam numa casinha simples, contudo própria. O eletrodoméstico mais valioso era a geladeira. Só tiveram televisão, quando os cabelos grisalhos chegaram e os olhos dos dois precisaram usar óculos.

O mundo vivia um reboiço: a ressaca da Primeira Guerra Mundial, a queda da bolsa de valores de New York. A conjuntura da década de trinta propiciou a ascensão do nazismo na Alemanha, assim como o fascismo na Itália. Os direitos individuais foram sucumbidos, o autoritarismo marchou contra a democracia, gerando a Segunda Guerra Mundial.

Por pouco vovô não foi à guerra — já tinha até se alistado — mas graças a Deus, em 1945, na hora de receber a farda, o conflito bélico havia terminado.

Entusiasmado com o destino propício, estudou contabilidade, montou um escritório, subiu na profissão contanto o dinheiro dos outros, aos trancos e barrancos.

A cadeira, surrada, sofreu restauro, ganhou almofadas de espuma, aposentou as tiras de palha; aturou às golfadas do bebê, os peidos de vovô. Sobreviveu às brigas da relação conjugal.

Vovô, contador; vovó, lecionando. Gozavam da condição de classe média. Deram estudo ao filho, papai tornou-se bancário, operador de letra de câmbio do Banco do Brasil.

Os avós morreram de desgosto, pois os amigos chegados foram eliminados nos porões da ditadura militar: professores, médicos, jornalistas, advogados, artistas, cientistas, etc.

Papai, sozinho neste mundo injusto — contava uns vinte sete anos — contraiu matrimônio com mamãe: uma feminista de vanguarda, militante de esquerda, inserida na luta de classes, ligada na redemocratização do país, defensora implacável do movimento pelas diretas já! O povo nas ruas reivindicava o direito de eleger o presidente da república.

Os namorados revolucionários conceberam-me num show de rock pauleira, de um banda de Brasília, atrás do palco, num maior tesão! Vim ao mundo sorrindo, consequência de um relacionamento feliz...

Mamãe, muito criativa, customizou a cadeira: coloriu a madeira, colocou plástico, modificou o visual. Pensou, sentada naquela relíquia, manter o balanço da cadeira, alegando favorecer a prática da meditação. Enfim, as reflexões a cerca da vida continuariam a partir daquela parada pra meditar...

Nasci em casa. Estava com pressa, não houve tempo de ir ao hospital. Vim ao mundo nos braços da velha cadeira.

Estudei em escola pública, entrei na universidade federal, fiz Comunicação Social.

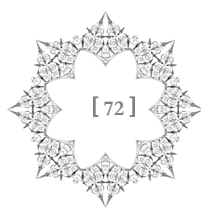
Mamãe morreu de insuficiência respiratória; papai, em pouco tempo, também partiu, vitimado por cirrose, embriagado de tristeza...

Juntei-me, um ano depois, a uma feminista (pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz). Cresci na atividade jornalística, investiguei a corrupção na compra das vacinas durante a pandemia: quase fui assassinado.

Morávamos num sobrado, em frente à Prefeitura de Nova Iguaçu, conservando o antiquário na decoração do imóvel. Tivemos uma criança linda, hiperativa. A inquietação do menino demoliu a herança milenar: a cadeira de balanço.

Aproveitei a madeira, transformei num cavalo de pau. A criança aproveitou bastante, cavalgou no cavalo o resto da infância. Cresceu, estudou, ingressou no movimento estudantil, cursou filosofia.

Meu filho — um homem feito — revoltado com o descaso com a educação pública, brigou feio com os reacionários. Pegou o resto da cadeira de balanço que sobrou, transformou em porrete e enfrentou o nazifascismo...



UM FORTE AMOR

POR IDICAMPOS



O garçom atendia as mesas na filial da Confeitaria Colombo, nas dependências de Copacabana. Apoiado no movimento fraco da demanda, alongava a prosa com o casal de namorados, contava uma lenda urbana, dissertava a história do subtenente de Nilópolis.

— Numa das bebedeiras do militar — testemunhava o anfitrião — o subtenente Aloísio revelou a causa de tamanho sofrimento: as maledicências do percurso que geraram o vício do álcool.

Consternado, o contador sustentava a oralidade, remoía a memória, lacrimejava de tristeza, engasgava com as palavras, sofria com a recente morte do amigo. Juliana insistia: — Estou curiosa, vamos às nuances da crônica do Forte de Copacabana.

Estufou o peito, encheu os pulmões de ar, enxugou as lágrimas, satisfez a expectativa:

— O suicídio do subtenente.

Resultado de uma família de cinco irmãos, Aloísio, por força das circunstâncias, arregimentou carreira no exército; porque no quartel comia, vestia e bebia. Ainda transferia aos irmãos a sobra do soldo.

Após ajudar todos os parentes, pensou em si, contraiu matrimônio com a bela Antonela. Moça prendada, trabalhadora, honesta, cumpridora dos seus deveres, uma dama de responsabilidade.

Serviu o exército trinta anos, no Forte de Copacabana, fiel à continência, obediente às regras da tropa. Aloísio lustrava a botina, vestia camisas engomadas pela esposa, apresentava o cabelo cortadinho, o corpo sarado, pronto para a tarefa militar.

O casal dividia o custeio do lar, com o resultado do soldo mais as costuras de Antonela. A parceira fazia bainha, pregava botões, chuleava, cortava tecidos, entendia do babado. Sentava na máquina de costura feito atleta, modelava a mulherada de Nilópolis.

O sonho de família grande, vários filhos, ficou à espera primeiro da aquisição da casa própria, que jamais se realizou. Bloqueados pela carestia, reféns da inflação, nunca sobrava dinheiro. Terminaram frustrados.

No fim, veio a aposentadoria. Aloísio encerrou na patente de subtenente; a mulher adquiriu um bico de papagaio na coluna e abandonou a costura. Decepcionados, imprensados no preço do aluguel, com a prole restrita apenas aos dois, cediam a vitalidade ao reumatismo.

Agarrado ao Forte de Copacabana pelo umbigo, por cá cumprira a obrigação de soldado. Empunhara duas divisas de cabo velho, alcançara a condição de sargento bastante tarde, por providência divina, ia embora subtenente.

A fraca saúde de Antonela consumia, praticamente, toda a renda da família. Sobrava a Aloísio pintar as mansões dos bicheiros de Nilópolis para completar a despesa do mês. Vez por outra, o subtenente aparecia no Forte, procurado um bico na manutenção do quartel.

O chefe da manutenção do Forte de Copacabana, o major Talarico, quando estava de bom humor, contratava os serviços do pintor Aloísio. O subtenente era tratado com desdém; entretanto, escondia as emoções, submetia-se à humilhação — necessitava da grana — fingia-se de rogado.

A bacia da lamúria transbordou aos sessenta anos de Aloísio: o joelho inchou, a tendinite tomou as articulações das mãos, passou a andar torto. Acrescentou ao vestuário uma bengala; a vida aos poucos foi perdendo o sentido...

Sentava-se nesta mesa — onde estamos — reclamava da sorte, da intransigência da imobiliária, do governo democrático que havia dado as costas aos militares de baixa patente. Os sargentos, os cabos e os pobres dos soldados, ficavam a mercê das vacas magras.

A reforma no exército, a velhice, as dores nas costas, a patroa reclamando da artrose: acabaram por enfiar a cabeça do infeliz no poço da angústia. As decepções transformaram a existência do sujeito num martírio. Enfastiado do destino, bebia até cair.

Um dia, apareceu sério, arrumadinho, penteado tipo garotão. Acomodou-se nesta mesa 9, na cadeira azul, apontou para o assento de Carlitos. O namorado de Juliana ficou apreensivo.

O garçom continuou a narração... Naquela noite confusa, a lua cheia iluminava a orla de Copacabana. O calendário marcava 13 de novembro de 2018. A Colombo fotografava uma fila longa. Aloísio, o subtenente de Nilópolis, molhava a goela numa mistura de rabo de galo com cerveja. Tirou uma corda da mochila, enrolou nesta árvore que nos cede a copa florida e, desocupado da plateia, enforcou-se no centro da cena.

O galho quebrou sozinho, no momento exato do relato, um calafrio escalou a espinha dorsal dos presentes. O garçom nervoso desdobrou a tragédia com a habilidade de um roteirista.

Aloísio, coitado, atropelado pelo sistema, oferecia o pescoço estrangulado à pequena burguesia da zona sul carioca. Saía da vida pra registrar uma existência patética.

Sobraram-lhe uns poucos momentos de glória, expostos nas fotos sensacionalistas da mídia, as quais flagravam o suicídio do subtenente.

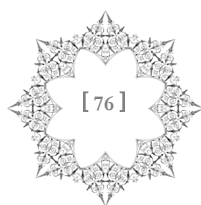
O garçom, chateado, desenrola os fatos. Lembra da viúva, no velório, vestida de preto da cabeça aos pés. Ela afirmou, categoricamente, à beira da cova: fazê-lo companhia em breve...

Vi Antonela — que se achava a mulher mais amada do mundo — pela última vez na semana passada. Bebeu um suco de laranja, comeu um sonho e reclamou comigo dos descontos no contracheque da pensão do falecido.

Os namorados pediram a conta. O garçom titubeou, deu corda na conversa e desembuchou o fim da narrativa:

— Depois disso, o fantasma retorna no meio da madrugada. Vira e mexe, conversa bastante e se retira no vácuo (o garçom suspende as grossas sobrancelhas).

O narrador insistiu no delírio: hoje, estranhamente, o fantasma fez uma visita na minha casa, acompanhado da esposa, no espelho do quarto. Estavam mais felizes mortos do que vivos. Aloísio trajava farda de gala; Antonela surgia embalada em um vestido vermelho, calçada em salto agulha, modelando uma elegância discreta. Os eternos namorados estampavam no rosto uma paz inexplicável.





VELHA INSPIRAÇÃO

POR IDICAMPOS

Desabrocha na folha de papel, inverso ao observador, o artigo que vai iniciar esta história. Um artigo definido, compenetrado na responsabilidade de contar o enredo de um acontecimento contemporâneo.

A iniciativa surge da imaginação, vem com a vontade de ser original — à moda Luís de Camões — com a bravura lusitana de pertencer à língua portuguesa. Assim sendo, estamos diante de um conteúdo nascido do latim.

O personagem principal é um sujeito determinado, fechado nos mistérios do seu silêncio, tomando forma tipo a larva ressuscitada nas asas da borboleta. A descrição começa a moldar uma personalidade madura, com uns sessenta anos de idade: cabelos brancos, barba rala e dono de uma bela careca. Em suma, uma fotografia despotada de um velho.

Nada nasce pronto; antes passa por semente, recebe adubo, toma um bom banho de sol, relaxa na terra macia, concebe por colo a natureza. A vida brota do acolhimento, do carinho, do afago na manjedoura.

Adão, que já foi jovem, veio ao mundo também com terra, água e sol. Ele, agora enrugado, é fruto do amor de dois catadores de papelão, casal radicado no Lixão de Gramacho, em Caxias. O bebê abandonou a barriga da mãe em meados da década de oitenta, despencou do ventre num sopro só.

Naquela época, envolto nas tranças da infância, rodeado de sobras industriais, desenvolveu, no transcorrer dos anos, um raro talento administrativo. Consequência das aulas recebidas na escola municipal. Fundou uma cooperativa de reciclagem, com viés de sustentabilidade, gerou empregos e contribuiu com o ecossistema.

O negócio prosperou. Adão transferiu ao pai o empreendimento, largou a firma, caiu fora com a roupa do corpo, indo morar no morro das Palmeiras, no centro de Belford Roxo.

No morro das Palmeiras, conheceu a garotada do Funk, acreditou na missão, empresariou a molecada. No início da produção cultural esbarrou em dois preconceitos:

etarismo e a origem favelada do funk. A comunicação de massa dizia que o ritmo padecia de futuro, corroborava coisa de pobre.

Adão insistiu — estava coberto de razão — os bailes produzidos na comunidade, acabaram dando supercerto. Arrebataram os jovens, conquistaram a periferia dos grandes centros: um verdadeiro sucesso! Em curto espaço de tempo, a classe média alta subia a favela pra rebolar. A batida forte do Funk batia nos sites de música, o ritmo mandava bem nas redes sociais.

Ornamentado de glória, contando quarenta anos, despediu-se dos fangueiros; ingressou na universidade, no curso de Filosofia. Logrou êxito, virou filósofo. Estudou pós-graduação, mestrado e doutorado.

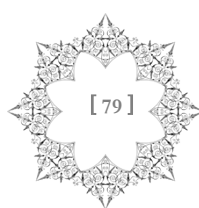
O professor Adão compreendeu a filosofia a partir da solidão, reconheceu no perímetro do contorno pessoal as profundezas do âmago. Revindicava a ideia de que jamais transformamos a realidade se não reformularmos a individualidade.

O velho Adão, emoldurado de rugas, atravessou a rua, observou os lados, ganhou a calçada, acelerou os passos, deslocou-se para o leste. Então, tropeçou no morador de rua e pasmou com o desespero do indivíduo cheirando cola.

Dobrou a esquina, invadiu a selva de pedra, dissolveu a sua empatia na frieza do concreto. Esticou as pernas, mirou o Sol — insistiu na jornada — almejava na caminhada preencher o vazio oco da alma.

Tantos caminhos, atalhos e obstáculos reluziram nas estradas do coração deste idoso, que mesmo vestido de herói — nesta narrativa — quase perdeu o fôlego perante a alienação dos indivíduos do século XXI. São os alienados de si, os quais nunca enxercam um palmo além do nariz.

O ancião, consciente dos direitos e deveres do cidadão, mantém a rota da sua filosofia existencialista. Persegue o objetivo de ver a luz, busca iluminar a escuridão do próprio espírito.





YASMIN X YAGO

POR IDICAMPOS

Yago frequentou a escola pra comer merenda, pois em casa a geladeira parecia um aquário: repleta de água, nada no congelador, muito menos legumes. As frutas sumiram, assim como as proteínas foram despejadas por causa da carestia.

O pai picou a mula, vazou na primeira dificuldade financeira, deixou a mulher com cinco filhos pra criar. A dona corria atrás pra alimentar a prole. A guerreira trabalhava de faxineira durante o dia e acompanhante de velho tarado à noite; desses que apertam a bunda da serviçal achando que pobre é sobremesa de rico.

No colégio, a didática não atingia o esquema mental de Yago. A desnutrição mastigava o estômago, corroía a capacidade intelectual, travava a aprendizagem. Imprensado nas dificuldades, mudou de postura: destruiu a bicicleta velha, adquiriu umas tábuas, construiu um carrinho, ingressou na informalidade. Começou, aos dezoito anos, uma transportadora: conhecida no popular como burro sem rabo.

Yago arrastava o veículo de carga, movido por tração humana, nas ruas do comércio de Nova Iguaçu. Ia do Calçadão da Amaral Peixoto ao Bairro da Luz em questão de minutos. Com certeza, era o burro sem rabo mais veloz do município.

No ínterim, o irmão dançou pro tráfico, uma das irmãs morreu vítima de bala perdida e as outras duas meninas, menores de idade, entraram pra prostituição. Yago resistiu na labuta, servia de capacho à mais-valia do comércio.

Numa manhã cinzenta, despediu-se da mãe no cemitério, acometida pela falência do coração. A sofredora, no leito de morte, mostrou uma carta com endereço europeu ao filho. A correspondência revelava a presença de parentes no interior de Portugal, em Cereja, região rural da terrinha.

Deu uma volta nos herdeiros, vendeu a meia-água da família, desfez da carroça, abandonou a condição de burro. Comprou a passagem só de ida pra Península Ibérica. Onze horas depois, descia no aeroporto de Lisboa com uma trouxa na mão e a cabeça cheia de sonhos...

Adentrou o sítio dos tios, uma quinta voltada à subsistência, onde se plantava para comer; o excedente da produção vestia os membros do clã. O tio recebeu o sobrinho com má vontade, mas colocou o rapaz na roça: arrancou o couro do jovem, submetendo-o a 12

horas de expediente.

Yago, astuto, investiu o pouco dinheiro recebido nas redes sociais, conquistou repercussão, aprimorou a pronúncia do português. Melhorou a aparência com harmonização facial, abandonou a estética de subdesenvolvido, investiu na imagem de influenciador digital. Consciente da acirrada concorrência no mercado online, trapaceou no conteúdo, mentiu sobre o seu passado proletário.

Munido da nova customização, versado em lorota, iniciou a carreira de amante profissional. Arrebanhou seguidoras, fez a festa. Inventou o argumento de empresário montado na grana, todavia tropeçava no próprio raciocínio: de vez em quando era pego na curva da burrice.

Alugava roupa, aparecia de táxi, justificava a cara diferente da fotografia com o álibi de ser foto antiga. Nessa onda, arregimentava a mulherada, enganava com aparência luxuosa, forjava o arquétipo de homem sensível. No transcorrer do romance, dava a facada financeira: negociava ações de empresas desconhecidas na bolsa de valores.

Versado no estelionato, passou a viver da conta bancária das velhas carentes. Driblava o DNA de latino pobre com bastante romantismo, um típico cafajeste. Oferecia flores, recitava versos, levava as coroas ricas na maciota.

No site de relacionamento, deitou os cabelos, sendo surpreendido pelos apelos de uma criatura linda, dessas de arrebentar o queixo de qualquer marmanjo. A beleza da figura, no aplicativo, dava água na boca, uma beldade. Yago, enfeitiçado, caiu na lábia da sedutora.

A fulana, recente no pedaço, morava no Brasil, no Estado de São Paulo, em frente à Praia do Guarujá. Viúva de um brigadeiro, instalada numa cobertura tipo cenário de cinema, com piscina, coqueiro e pé de maracujá.

Yago gamou na história de Yasmin, iniciando um delírio frenético regado a muita sacanagem. Masturbavam-se naquela trepada virtual. Os dois: lindos de morrer, podres de ricos, saudáveis, inteligentes, recheados de predicados. Acontecia naquele encontro perfeito, um regalo da natureza, digno de um conto de fadas!

Yasmin, endinheirada, uma madame regada a champanhe francesa, esposa de oficial, figura carimbada na alta sociedade paulista. Um avião, fêmea de fino trato, um

verdadeiro mulherão!

Yago, relojoeiro consagrado, executivo de grife multinacional, frequentador assíduo dos cafés parisienses, presente nos jantares da monarquia inglesa, renomado em Milão, uma celebridade na crônica social de New York. Um casal de dar inveja aos caipiras ricos do agronegócio brasileiro.

O caso de amor incentivou a necessidade da presença física. Os namorados virtuais ansiavam ao calor dos corpos, ao sexo molhado, às loucuras do inconsciente. Os apaixonados traziam em comum os reclames de um prazer ilimitado!

Yago, nem pestanejou: furtou o tio e retornou ao Brasil; na classe econômica, apertado, comendo comida congelada, bebendo refrigerante de cola, agoniado com o cinza das nuvens. Desembarcou em Guarulhos, respeitando o combinado com o afeto. Recolheu as malas na esteira, bateu ponto na receita federal, mostrou o passaporte, despencou na saída, desejoso de abrir os braços pro abraço.

No saguão, ninguém correspondia à realidade habitual do relacionamento virtual. Yago sentou no banco duro de fibra e suou frio. Encheu o pensamento de pessimismo, esbravejou contra a providência divina. Sentia-se injustiçado, a sorte havia mudado de endereço.

Ao lado, tristonha, uma senhora lotada de silicone, com o rosto esticado igual um bumbo, puxou conversa com Yago: — O senhor está vindo da Europa?

Balançou a cabeça: — Sim.

— De Lisboa?

— Como sabe?

— Aguardava uma pessoa de lá. Provavelmente, desistiu da viagem.

— Quem? Perguntou o indiscreto.

— Meu namorado.

— Descreve o indivíduo, talvez eu possa ajudar.

A balzaquiana suspirou, desembuchando: — Um príncipe, um cavaleiro, além de

rico, terrivelmente belo.

Yago, comedido, continuou a prosa: — Querida, a moça responsável por eu ter sobrevoado o oceano sonhava com um lorde. Contudo, sou um vagabundo. Estou pagando o pecado de desdenhar o amor da minha vida.

— Moço, padecemos do mesmo carma. Enganei o meu amado... Mereço o castigo da solidão.

— Continue...

— Forjei uma retórica ilusória. Disse ser viúva de brigadeiro. Entretanto, o falecido servia na Polícia Militar, na patente de soldado. Recebo soldo de cabo.

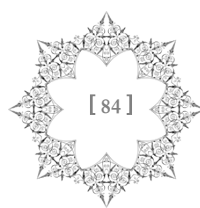
A consciência de Yago doeu. Falou a verdade: — Mentira tem perna curta. Perdi tudo, aliás, nunca tive nada...

Apertaram-se num afago fraterno, revelando as identidades encobertas: — Chamo-me Yasmim.

— Sou Yago.

A choradeira cedeu lugar a inúmeras gargalhadas. Lascaram um beijo ardente, acabaram numa explosão de prazer na quitinete de Yasmim, na periferia da metrópole paulista.

Contraíram união estável, tentaram um relacionamento monogâmico. Com a pensão da Polícia Militar, adquiriram duas motos, adentraram na atividade de motoboys. Yasmim sai sem hora pra voltar, mediante oportunidade, instala um chifre na cabeça de Yago. Ele faz o mesmo. O casal jura fidelidade, todavia a prática da cascata está incrustada no repertório dos amantes.





ZIGUE-ZAGUE

POR IDICAMPOS

Handwritten signature

Handwritten signature

Recebia cascudo por ser passivo, sofria discriminação de todo tipo — "bullying" — tapa na orelha, um distrato após o outro... Virou chacota na escola, porque ninguém admirava o politicamente correto no Bairro de Éden.

Apanhava na rua dos colegas, a mulherada fugia dos seus encantamentos, num dava uma dentro; era considerado feio, um pobretão sem um puto no bolso, um zero no meio da página em branco. Nasceu pra tomar bolada nas costas do destino.

Um desastre como gente, a família tratava-o como bobão, um zigue-zague na mão dos espertinhos, o mais otário dos parentes. Incapaz de roubar, só falava verdade, acolhia os velhos, valorizava a democracia racial, respeitava a sexualidade dos vizinhos, procurava a paz entre as religiões, amava a ternura das crianças, defendia os povos originários, nunca furava fila, etc.

Os pais, inconformados com o desvio de comportamento social do rapaz, bateram cabeça pro feitiço, chamaram os crentes que estavam abafando, suplicaram aos católicos, recorreram ao Candomblé, procuraram ajuda no judaísmo, meditaram no templo budista, rezaram junto aos muçulmanos, esgotaram todas as tentativas teocêntricas. Contudo, nada foi suficiente para remediar a patologia.

A medicina acabou prevalecendo. Marcaram consulta na clínica geral, o doutor fez a anamnese, indicou a psiquiatria do SUS. O psiquiatra analisou o caso, investigou a mente do doente, pediu um montão de exames para confirmar o diagnóstico de encapotamento do superego. Consistia, provavelmente, de doença psicossocial. Uma sociopatia, em tese, degenerativa do comportamento.

Fizeram radiografia, ressonância magnética e aferições patológicas. Em suma, bateram as pernas pra tratar o idiota. No raio-X do organismo, detectaram dilatação no músculo cardíaco: um coração gigante, bem no meio do peito do coitado. Um órgão deformado, capaz de perturbar a harmonia da sociedade capitalista. No tórax do cidadão, morava um coração cheio de amor pra dar, a moléstia parecia incurável.

Excomungado do círculo familiar para não contaminar ninguém. Rejeitado no seio materno, segregado pela comunidade de São João de Meriti. Restou-lhe, para sobreviver, o mercado de trabalho, o suplício do salário-mínimo. Atuou de auxiliar de serviços gerais. Estruturou a vida, comprou um barraco de posse numa ladeira. Uma meia água no bairro de Éden: com quarto, cozinha e banheiro ao ar livre.

Cansado da solidão, casou cedo — contava uns vinte anos — com uma moça tranquila. No princípio uma maravilha, ela admirava o caráter do companheiro. No curso da

relação a situação degradingolou: a falta de dinheiro falou muito alto. No fim, sobrou meu bem pra lá, os bens pra cá... Nesta hora, entrou pelo cano: perdeu o único imóvel.

No olho do furacão, vivendo de aluguel social, prestou atenção nos demais, a maioria subia na vida enganando ou roubando. O padre da paróquia dali, reformou a igreja com o lucro da missa, e ainda aproveitava da ocasião pra molestar as criancinhas.

O pastor da Igreja do Bem enriqueceu com o mal, mesmo sendo cristão trocou a Bíblia por uma arma de fogo. Reunia os jagunços para vandalizar as religiões afrodescendentes. Quebrava os terreiros, promovia o ódio.

O vereador eleito em São João de Meriti, sem empatia com o povo, seguia em frente roubando o dinheiro público. Pegava bebê no colo, contraía acordo com a milícia, comprava voto, prometia mundos e fundos...

A ex-esposa de Petrônio passou a vender o corpo, arrumou emprego no inferninho da Rua da Matriz. A mulher era usada como guardanapo. O freguês comia, limpava a boca e jogava a sujeira fora.

Cada um, neste mundo de mentiras, negociava o que tinha... Petrônio estava fora do contexto, marginalizado, deixado de lado ao Deus-dará... Engolia a seco uma lição amarga: honestidade jamais trazia prosperidade.

Morando debaixo da marquise, devendo o cartão de crédito, bebendo água poluída, pendurado na miséria, resolveu modificar a postura. Avaliou a realidade nua e crua; a contragosto, levantou o inventário do patrimônio e viu que lhe restara apenas a alma como moeda de troca.

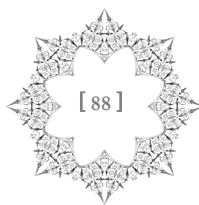
Desesperado, encurralado no canto da parede, perdido num labirinto de emoções, entrou numa fila enorme, disposto a negociar o seu único ativo: a vergonha na cara, a essência do ser, o próprio espírito.

Esperou uma eternidade, mas aguardou calado, flagrou a decadência moral dos presentes. Na sua hora, foi recebido com ironia pelo comerciante. O mercador dos aflitos, desvalorizava os interessados, arrematava as almas por uma bagatela.

O chifrudo de rabo ria da falta de paz dos fregueses, desdenhava das rugas dos anciões, comemorava a mutilação infantil nas guerras, negava a fome, estimulava a ignorância; tripudiava das pessoas que imploravam as esmolas da maldade.

De relance, chegou a vez de Petrônio revindicar clemência à personificação do mal. O capeta arregalou os olhos, surpreso da pureza daquele humano. Nem titubeou, chutou o balde, negou acordo ao anarquista. Afinal, o diabo não negocia com quem tem bom coração.

Perdido naquela conjuntura, avançou na vocação espiritual, ficou extremamente leve e venceu a gravidade. Fixou residência numa estrela. Em dia de lua cheia, acende uma tocha, iluminando o caminho dos navegantes...



BIOGRAFIA

Idicampos

Idimarcos Ribeiro Campos, Idicampos, é professor de Português Literatura, com pós-graduação em Formação de Leitores. Proponente, pela lei Aldir Blanc, do site: contosaleatorios.com.br. Participou de diversas coletâneas literárias, tendo textos publicados em jornais e revistas. É autor de dois livros de poesias e dois livros de contos. Atualmente, atua como âncora do programa “Viés literário”, disponibilizado no YouTube, no canal TV Nova Belford. Pode ser lido, mensalmente, na revista Conexão Literatura.

